

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**O USO DO DEMONSTRATIVO DE FLUXO DE CAIXA
EM AMBIENTE INFLACIONÁRIO PARA A
OTIMIZAÇÃO DE RESULTADOS FINANCEIROS**

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Giovana Silva de Arruda

Liane Severo Bittencourt

**Santa Maria, RS, Brasil
2006**

**O USO DO DEMONSTRATIVO DE FLUXO DE CAIXA EM
AMBIENTE INFLACIONÁRIO PARA A OTIMIZAÇÃO DE
RESULTADOS FINANCEIROS**

por

**Giovana Silva de Arruda
Liane Severo Bittencourt**

Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Ciências Contábeis,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Contábeis

Orientador: Prof. Rodrigo Debus Soares

Santa Maria, RS, Brasil

2006

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Ciências Contábeis**

O Professor Orientador, abaixo assinado,
aprova o Trabalho de Graduação

**O USO DO DEMONSTRATIVO DE FLUXO DE CAIXA EM AMBIENTE
INFLACIONÁRIO PARA A OTIMIZAÇÃO DE RESULTADOS
FINANCEIROS**

elaborado por
**Giovana Silva de Arruda
Liane Severo Bittencourt**

como requisito parcial
para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Contábeis

PROFESSOR ORIENTADOR

Prof. Rodrigo Debus Soares
(Orientador)

Santa Maria, 11 de setembro de 2006

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pela vida, pela oportunidade de estarmos concluindo o curso de Ciências Contábeis em uma universidade pública de qualidade, pela saúde, inteligência, e por tudo que Nos apoiou durante nossas vidas.

Aos nossos pais e demais familiares, que são a base do que somos hoje, agradecemos a força e o apoio nos momentos importantes e difíceis de nossas vidas, momentos nos quais pensamos em desistir, mudar, parar, ou fugir, e suas mãos nos protegeram dessas fraquezas, nos impulsionando a seguir sempre.

Aos professores Rodrigo Debus Soares, que além de nosso orientador, foi um mestre e amigo ao transmitir seus conhecimentos para a concretização deste trabalho, Tania Moura da Silva e Wanderlei José Ghilardi, que nos auxiliaram na formatação e correções.

A todos os docentes, que nos ensinaram e foram mais que professores, foram amigos e principalmente nos prepararam durante quatro anos, para que hoje pudéssemos apresentar o fruto deste trabalho.

Aos namorados e amigos, pelo apoio, amizade, carinho, paciência, pelas palavras de conforto e incentivo, nosso muito obrigado.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente nos auxiliaram e colaboraram para a elaboração deste trabalho de graduação, nosso sincero agradecimento.

Somos quem ousamos ser.
(Autor Desconhecido)

RESUMO

Trabalho de Graduação
Curso de Ciências Contábeis
Universidade Federal de Santa Maria

O USO DO DEMONSTRATIVO DE FLUXO DE CAIXA EM AMBIENTE INFLACIONÁRIO PARA A OTIMIZAÇÃO DE RESULTADOS FINANCEIROS

AUTORAS: GIOVANA SILVA DE ARRUDA
LIANE SEVERO BITTENCOURT

ORIENTADOR: RODRIGO DEBUS SOARES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de setembro de 2006.

Neste trabalho, elaborou-se um caso hipotético de uma distribuidora de bebidas, onde foram utilizados dados reais de uma empresa que não quis ser identificada, por este motivo a chamamos de ZET Cia. Ltda. O ambiente inflacionário atual, mesmo com índices reduzidos, pode ser um empecilho à obtenção de informações contábeis confiáveis. Com o objetivo de otimizar a gestão financeira, foi proposto um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido pelos índices da inflação, sendo que foram utilizados o IPC-M (Índice de Preços ao Consumidor), o IGP-M (Índice Geral de Preços) e a Selic (Sistema Especial de Liquidação e Custódia), através da correção monetária integral, buscando trabalhar com uma moeda de poder aquisitivo constante. O caso hipotético foi embasado na movimentação de caixa da empresa anteriormente citada durante os meses de abril, maio e junho de 2006 e possibilitou constatar que a inflação afeta o caixa da empresa e pode gerar perdas devido à desvalorização que sofre o capital, sendo assim, o demonstrativo de fluxo de caixa corrigido pelos índices é um ótimo instrumento de gerenciamento financeiro para a tomada de decisões. Este trabalho foi dividido em cinco capítulos, tratando respectivamente de: introdução sobre o conteúdo abordado; revisão bibliográfica; metodologia utilizada para estruturação da pesquisa; caso hipotético onde tornou-se possível a consolidação do tema proposto e conclusões.

Palavras-chaves: Demonstrativo de Fluxo de Caixa, Correção Monetária Integral, Inflação, Gestão.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Fluxo informacional de criação de fluxo de caixa.	20
FIGURA 2 - Período de Coleta de dados para precificação.....	27
FIGURA 3 - A Gestão	33

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Evolução dos índices históricos	40
QUADRO 2 - Variação diária dos índices históricos.....	41
QUADRO 3 - Variação diária acumulada da UMC para três índices	42
QUADRO 4 - Exemplo do cálculo da movimentação de caixa pelo IPC-M	43
QUADRO 5 - Resumo da movimentação de caixa no mês de abril com o índice IPC-M.....	44
QUADRO 6 - Movimentação de caixa acumulada no 2º trimestre de 2006.....	46
QUADRO 7 - Exemplo do cálculo da movimentação analítica pelo IPC-M.....	47
QUADRO 8 - Exemplo das origens e aplicações em Reais e UMC pelo índice IPC-M	48
QUADRO 9 - Exemplo de conciliação na DFC em Reais e UMC pelo índice IPC-M	51
QUADRO 10 - Modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido mês de abril	52
QUADRO 11 - Modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido mês de maio	53
QUADRO 12 - Modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido mês de junho	54
QUADRO 13 - Modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido do 2º trimestre/06.....	56

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Movimentação de caixa: mês de abril de 2006 pelo índice IPC-M.....	66
APÊNDICE B - Movimentação de caixa: mês de abril de 2006 pelo índice IGP-M.....	68
APÊNDICE C - Movimentação de caixa: mês de abril de 2006 pelo índice Selic	70
APÊNDICE D - Movimentação de caixa: mês de maio de 2006 pelo índice IPC-M.....	72
APÊNDICE E - Movimentação de caixa: mês de maio de 2006 pelo índice IGP-M	74
APÊNDICE F - Movimentação de caixa: mês de maio de 2006 pelo índice Selic.....	76
APÊNDICE G - Movimentação de caixa: mês de junho de 2006 pelo índice IPC-M.....	78
APÊNDICE H - Movimentação de caixa: mês de junho de 2006 pelo índice IGP-M.....	80
APÊNDICE I - Movimentação de caixa no mês de junho de 2006 pelo índice Selic.....	82
APÊNDICE J - Movimentação analítica ocorrida no caixa no segundo trimestre de 2006.....	84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Tema	12
1.1.2 Delimitação do tema.....	12
1.2 Problema	13
1.3 Objetivos da pesquisa	13
1.3.1 Objetivo geral	13
1.3.2 Objetivos específicos.....	13
1.4 Justificativa	14
1.5 Estrutura do trabalho	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 Fluxo de caixa	15
2.1.1 A Importância	16
2.1.2 Abrangência.....	18
2.1.3 Finalidades.....	20
2.2 Inflação	23
2.2.1 Índices.....	26
2.3 Itens monetários e não-monetários	29
2.4 Correção monetária de balanços	30
2.5 Correção monetária integral	31
2.6 Gestão	32
2.7 Práticas de gestão das disponibilidades	35
2.8 Práticas de gestão do processo do fluxo de caixa	36
3 METODOLOGIA	38
4 CASO HIPOTÉTICO	39
5 CONCLUSÃO	58

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os trabalhos que abordam o fluxo de caixa como instrumento de avaliação de investimentos e projetos. Existe uma abundante literatura sobre análise e interpretação dos demonstrativos de fluxo de caixa, que contrasta com a escassez do material disponível sobre inflação e correção monetária. O que este trabalho propõe é utilizar-se dos recursos do demonstrativo anteriormente citado e adequá-lo à realidade inflacionária, através da correção monetária integral, de uma forma a prever e minimizar possíveis perdas de caixa.

A necessidade de se desenvolver demonstrativos de fluxo de caixa corrigidos monetariamente, decorre do aumento da complexidade das atividades operacionais, o que provoca grandes disparidades entre o período no qual os lançamentos de receitas e despesas são apresentados e o período em que os correspondentes fluxos de caixa realmente ocorrem. Tal complexidade pode provocar uma maior oscilação no fluxo de caixa. Fatores externos, tais como a inflação ou mudanças no cenário econômico, afetam mais rapidamente os fluxos de caixa do que o lucro contábil.

A análise do fluxo de caixa permite que os sintomas de fragilização da estrutura de capital de giro sejam detectados a tempo para que se possa tomar as medidas necessárias à correção desta distorção.

O presente trabalho apresenta-se dividido em duas vertentes, uma teórica e outra prática. Primeiramente foram expostos alguns conceitos relacionados com o tema proposto, bem como a visão de alguns autores. Logo após, foi construído um caso hipotético para criação de um modelo de demonstrativo.

Inicialmente este trabalho aborda o conceito de fluxo de caixa, sua importância e finalidades para as empresas, bem como sua abrangência. Cabe ressaltar que após elucidados estes itens, a pesquisa foi direcionada aos assuntos mais diretamente ligados ao tema, como a inflação, a correção monetária integral, a gestão financeira e de disponibilidades e os principais índices utilizados para cálculo da desvalorização da moeda.

Com relação ao caso hipotético, a pesquisa foi baseada em dados fictícios de uma empresa também fictícia, e nos índices reais dos meses de abril/2006 a junho/2006. A partir destes dados, foi proposto um modelo de demonstrativo do fluxo

de caixa, com ênfase na importância de seu uso eficiente na gestão de disponibilidades, em um cenário inflacionário da realidade brasileira, para obtenção de resultados mais próximos do real.

1.1 Tema

O uso do demonstrativo de fluxo de caixa em ambiente inflacionário para a otimização de resultados financeiros.

1.1.2 Delimitação do tema

Concepção de um modelo que permita o exame do demonstrativo do fluxo de caixa com ênfase na importância de seu uso eficiente na gestão de disponibilidades, a fim de otimizar resultados, em um cenário inflacionário da realidade brasileira.

1.2 Problema

O cenário econômico nacional, atualmente demonstra índices de inflação que não refletem a realidade de todas as empresas, visto que algumas bases utilizadas para o cálculo desses índices não se ajustam a todas elas. Este fato exige maior eficiência na utilização e no controle dos recursos das empresas, que são objeto base da pesquisa, através de uma melhor gestão financeira.

Existe, então, a necessidade de utilizar e difundir demonstrativos que reflitam as alterações, perdas e ganhos decorrentes da situação inflacionária.

Assim, a gestão financeira nas empresas, sem um demonstrativo de fluxo de caixa corrigido, fica prejudicada, pois se corre o risco do administrador, em sua análise, utilizar dados que não correspondem à realidade, o que pode muitas vezes acarretar em cálculos distorcidos, captação de recursos inferior à necessidade gerada pelos investimentos e problemas no caixa da empresa.

Conforme o cenário anteriormente exposto verifica-se que é indispensável o uso dos demonstrativos de fluxo de caixa integradas a uma correção monetária, para se obter um resultado econômico que supra as necessidades da gestão financeira da empresa.

Tem-se então o problema: Como a utilização do demonstrativo de fluxo de caixa pode auxiliar a gestão de disponibilidades para a otimização de resultados em um ambiente inflacionário?

1.3 Objetivos da pesquisa

1.3.1 Objetivo geral

Propor um modelo para o uso do demonstrativo de fluxo de caixa incorporado à correção monetária integral, como alicerce para a gestão de disponibilidades, a fim de otimizar resultados financeiros.

1.3.2 Objetivos específicos

Diante do apresentado, têm-se como objetivos específicos:

- a) desenvolver a revisão bibliográfica sobre os temas envolvidos nesta pesquisa;
- b) elaborar um caso hipotético que possibilite o desenvolvimento de um modelo de fluxo de caixa e seu respectivo demonstrativo;
- c) identificar, por meio da correção monetária integral, os ajustes ocorridos nas disponibilidades pelo impacto inflacionário;
- d) propor um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa em moeda de poder aquisitivo constante;
- e) demonstrar a importância do uso do demonstrativo de fluxo de caixa para as empresas.

1.4 Justificativa

A gestão de disponibilidades, anteriormente utilizada apenas em empresas de grande porte, tem ganhado espaço entre as empresas, isto porque surgiu a necessidade de planejar as entradas e saídas de caixa para gerar a otimização de resultados financeiros.

Ao planejar investimentos futuros, os gestores devem traçar como captarão os recursos, já levando em consideração a inflação, que por menor que pareça, existe e pode atrapalhar a conclusão de um projeto.

Para Gitman (1997, p.586), um grande instrumento para planejar entradas e saídas é o demonstrativo de fluxo de caixa, que ele define como:

(...) a espinha dorsal da empresa. Sem ele não se saberá quando haverá recursos suficientes para sustentar as operações ou quando haverá necessidade de financiamentos bancários. Empresas que necessitem continuamente de empréstimos de última hora poderão se deparar com dificuldades de encontrar bancos que as financie.

O demonstrativo de fluxo de caixa permite a visualização da necessidade de investimentos a serem realizados e a captação de recursos necessária para efetivação do mesmo, e a correção monetária integral é a ferramenta-chave para que estes valores sejam o mais próximos da realidade futura, evitando surpresas desagradáveis.

Nesta linha, Falcini (1992,p.38) menciona que:

Como entender a lógica de um administrador ou investidor que utiliza, no processo de decisão inicial sobre investimentos, técnicas sofisticadas de avaliação com base nos fluxos de caixa, considerando o valor do dinheiro no tempo, aplicando conceitos como valor atual líquido, taxa interna de retorno, índice de lucratividade...e depois, nas fases de operação e controle, passa a medir o desempenho dos investimentos com base em lucros contábeis e taxas históricas tipo ROI (Return On Investment). Figurativamente, seria o mesmo que esse administrador ou investidor estivesse comparando laranjas com maçãs e, pior, pesando as laranjas e contando as maçãs.

O trabalho se justifica pela necessidade de aprofundar os conhecimentos já existentes a respeito da utilização do fluxo de caixa e das flutuações causadas pela inflação, e trazer para as empresas um modelo que torne adequado o planejamento dos desembolsos com as disponibilidades de caixa identificando os ajustes ocorridos pelo impacto inflacionário.

1.5 Estrutura do trabalho

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos. O primeiro destina-se a uma breve introdução sobre o conteúdo abordado. O segundo capítulo traz o referencial teórico que serviu de base para a construção deste trabalho. No terceiro, foi apresentada a metodologia utilizada para estruturação da pesquisa.

No quarto capítulo foi apresentado um caso hipotético onde tornou-se possível a consolidação do tema proposto, já no quinto, foram apresentadas as conclusões auferidas pela aplicação do caso hipotético .

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Objetivando o aprofundamento do tema, torna-se necessário revisar a bibliografia sobre os assuntos relacionados ao uso do demonstrativo de fluxo de caixa na gestão de disponibilidades em ambiente inflacionário.

Devido à instabilidade do mercado financeiro, a obtenção de informações contábeis confiáveis e tempestivas torna-se um empecilho aos gestores, que buscam novos instrumentos que os auxiliem, juntamente com a contabilidade, a entender as políticas econômica e financeira do país e impactos que dela advêm.

O fluxo de caixa não está sujeito a interpretações, pois o mesmo evidencia exatamente os valores monetários que circularam pelo caixa. Para Sá (1998,p.3) "o lucro é uma opinião, o fluxo de caixa é uma realidade". Dentre as alternativas possíveis para uma boa gestão financeira, o fluxo de caixa se apresenta como a mais acessível às empresas de menor porte, onde não há profissionalização da administração.

2.1 Fluxo de caixa

Tendo em vista que o item-chave desse trabalho é o demonstrativo de fluxo de caixa, há a necessidade de explorar alguns conceitos buscando o entendimento mais claro sobre este.

Inicialmente torna-se indispensável conhecer o significado da palavra caixa para as empresas.

Frezatti (1997,p.13) esclarece que:

(...) definir caixa é algo que pode parecer tão empírico e simples que se torna difícil e complicado por essa mesma simplicidade. Afinal de contas, caixa é caixa. No sentido clássico, o caixa representa o objetivo final dos investidores ao optarem por uma alternativa de alocação de recursos. No meio empresarial, caixa é o ativo mais líquido disponível na empresa, encontrado em espécie na empresa, nos bancos e no mercado financeiro de curtíssimo prazo.

Uma vez que o caixa apresenta liquidez imediata, é com ele que a empresa irá sanar suas necessidades operacionais de curto prazo, interessando aos sócios a sobra de caixa para investimento mais rentável ou distribuição dos lucros.

Para o controle deste item tão importante do ativo, bem como decidir qual a melhor alternativa em caso de escassez ou excesso de caixa, tem-se o

demonstrativo de fluxo de caixa, que Zdanowicz (1998,p.40) define da seguinte forma:

(...) denomina-se fluxo de caixa de uma empresa ao conjunto de ingressos e desembolsos de numerários ao longo de um período determinado. O fluxo de caixa consiste na representação dinâmica da situação financeira de uma empresa, considerando todas as fontes de recursos e todas as aplicações em itens do ativo. De forma mais sintética pode-se conceituar: é o instrumento de programação financeira, que compreende as estimativas de entradas e saídas de caixa em certo período de tempo projetado.

Seguindo o conceito acima citado a respeito do demonstrativo de fluxo de caixa, Assaf Neto (1997,p.35) ressalta que:

(...) conceitualmente, o fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolsos) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo. A partir da elaboração do fluxo de caixa é possível prognosticar eventuais excedentes ou escassez de caixa, determinando-se medidas saneadoras a serem tomadas.

Matarazzo (1999) diz que fluxo corresponde à movimento, assim, fluxo de caixa pode ser definido como movimento de caixa. A partir desta definição, o autor ressalta, ainda, que o fluxo de caixa objetiva mostrar o confronto entre as entradas e as saídas de caixa e, conseqüentemente, se haverá sobras ou falta de caixa, permitindo à administração decidir com antecedência se a empresa deve tomar recursos ou aplicá-los.

De maneira mais simplificada, porém não menos abrangente, Campos Filho (1997) define fluxo de caixa como registro e controle sobre a movimentação do caixa de qualquer empresa, expressando as entradas e saídas de recursos financeiros ocorridos em determinados períodos de tempo.

Uma vez elucidado o conceito de fluxo de caixa, surge a necessidade de verificação da sua importância dentro de uma empresa.

2.1.1 A Importância

O fluxo de caixa tem grande importância no planejamento financeiro das empresas. Portanto, é um exercício dinâmico que deve ser constantemente revisto, atualizado e utilizado na tomada de decisões.

Ross et al (1995) destacam a importância da gestão diária do capital de giro de uma empresa, no sentido de assegurar que a empresa possua recursos

suficientes para a continuidade de suas operações, evitando assim interrupções mais onerosas.

Zdanowicz (1998,p.42) ressalta a importância do fluxo de caixa quando diz que, “numa conjuntura econômica, como a brasileira, nenhuma empresa pode se dar ao luxo de deixar seus recursos ociosos”.

O fluxo de caixa constitui ferramenta de fundamental importância para a boa administração e avaliação das organizações. A sua adoção possibilita uma boa gestão dos recursos financeiros, evitando situações de insolvência ou falta de liquidez que representam sérias ameaças à continuidade das organizações.

Longo (2000,p.47) enfatiza a importância do instrumento de controle de gestão financeira baseado no fluxo de caixa, ao comentar que “o fluxo de caixa evidencia o comportamento das entradas e desembolsos de recursos, de modo a proporcionar análises importantes sobre o comportamento da empresa, quanto a sua saúde financeira.”

Souza (2001) realizou uma pesquisa em Curitiba/PR, com a finalidade de conhecer as necessidades das micro e pequenas empresas. Os resultados da pesquisa, que podem servir de base para todas as empresas do Brasil, mostraram, considerando um índice de 95% de confiabilidade e margem de erro de 5%, com relação à utilização de relatórios mensais detalhados acerca do empreendimento, através de respostas múltiplas, que 51% das empresas utilizam o fluxo de caixa, 48% tomam como base o balancete de verificação, 25% delas fazem apuração de resultado, 1% faz balanço físico de estoques, 1% faz um controle de comissões e 26% das pequenas empresas não têm detalhamento de suas atividades por falta de informações.

Os resultados da pesquisa reforçam a importância do fluxo de caixa para as empresas como um todo. Sendo assim, o desenvolvimento de um modelo de fluxo de caixa é válido no sentido de contribuir para o aprimoramento da administração das empresas, uma vez que a grande maioria se utiliza dessa ferramenta de controle de gestão.

Para Maluche (2000,p.47), a realidade em que estão inseridas as empresas nacionais “exige o mínimo de organização formal para que possa se expandir ou sobreviver, pois à medida que vão crescendo precisam adotar controles mais adequados ao estágio em que se encontram no seu ciclo de vida.”

Sendo assim, a utilização do demonstrativo de fluxo de caixa é indispensável para a continuidade da empresa, uma vez que não abrange apenas o departamento contábil, mas todos os departamentos, servindo de apoio aos gestores na tomada de decisões.

2.1.2 Abrangência

Assaf Neto e Silva (1995,p.37) afirmam que “o fluxo de caixa não deve ser uma preocupação exclusiva da área financeira, mas sim de todos os setores da empresa”.

Em uma empresa dividida em departamentos todos devem estar interligados para que não haja perdas nem sobras excessivas de caixa.

Os mesmos autores citam ainda casos em que o departamento pode afetar o fluxo de caixa em atividades rotineiras da empresa, como quando a área de produção promove alterações nos prazos de fabricação dos produtos, gerando mudanças nas necessidades de caixa, tendo importantes reflexos sobre ele, afetando seu fluxo.

Já no setor de compras, as decisões devem ser tomadas de maneira ajustada com a existência de saldos disponíveis de caixa, avaliando-se os prazos concedidos para pagamento das compras com aqueles estabelecidos para recebimento das vendas, para que não aconteça descompasso nos fluxos de caixa.

Os autores antes citados referem-se ainda às políticas de cobrança, que ao serem mais ágeis e eficientes, disponibilizam recursos financeiros com antecedência, constituindo-se um importante reforço de caixa. Com relação à área de vendas, deve-se manter controle mais próximo sobre os prazos concedidos e hábitos de pagamentos dos clientes, de maneira a não pressionar negativamente o fluxo de caixa, recomendando-se que toda a decisão envolvendo vendas deve ser tomada somente após uma prévia avaliação de suas implicações sobre os resultados de caixa.

Citam ainda que a área financeira deve avaliar criteriosamente o perfil de seu endividamento, de forma que os desembolsos necessários ocorram concomitantemente à geração de caixa da empresa.

Para Frezatti (1997), é fundamental considerar que o fluxo de caixa não deve ser montado isoladamente por uma área, mas deve ser um compromisso

conjunto da empresa toda, com base em informações fornecidas pelas várias áreas participantes. Para esse autor, isto permite à empresa tornar o fluxo de caixa visível e transparente, e não uma ferramenta que fique apenas à disposição dos gestores.

Para Zdanowicz (1998), elabora-se o fluxo de caixa a partir das informações recebidas dos diversos departamentos, setores, seções da empresa, de acordo com o cronograma anual ou mensal de ingressos e desembolsos, remetidos ao Departamento ou Gerência. Da mesma forma, a posição de caixa recebe continuamente impacto de vários fatores, tanto internos quanto externos, que precisam ser considerados pelo administrador financeiro no dia-à-dia da empresa.

O mesmo autor considera ainda que:

a projeção do fluxo de caixa depende de vários fatores como o tipo de atividade econômica, o porte da empresa, o processo de produção e/ou comercialização, se é contínuo ou não, etc. Depende da periodicidade dos ingressos, bem como da forma como a empresa efetua seus desembolsos de caixa. (ZDANOWICZ, 1998,p.39).

Segundo Bangs Jr. (1995,p.13), "a despesa que drena a empresa, secundo-a (levando-a à iliquidez), é quase sempre aquela que foi negligenciada ou gravemente mal interpretada e, desta forma, não teve o planejamento devido(...)".

O sucesso da montagem e gestão do fluxo de caixa numa organização está diretamente ligado ao comprometimento de todos os setores envolvidos. Uma empresa é um organismo vivo que apreende e necessita de linha de ação e conhecimento de todos para que possa ser seguida e coordenada.

O fluxo de caixa, pela ótica de Fleuriet (1978), leva em conta que a necessidade de capital de giro para financiar as operações correntes da empresa crescem com o volume de produção ou com as vendas. Outra definição é que a necessidade de capital de giro é diretamente proporcional ao ciclo financeiro da empresa. Para tanto a figura 1, possui um roteiro para a montagem do fluxo de caixa.

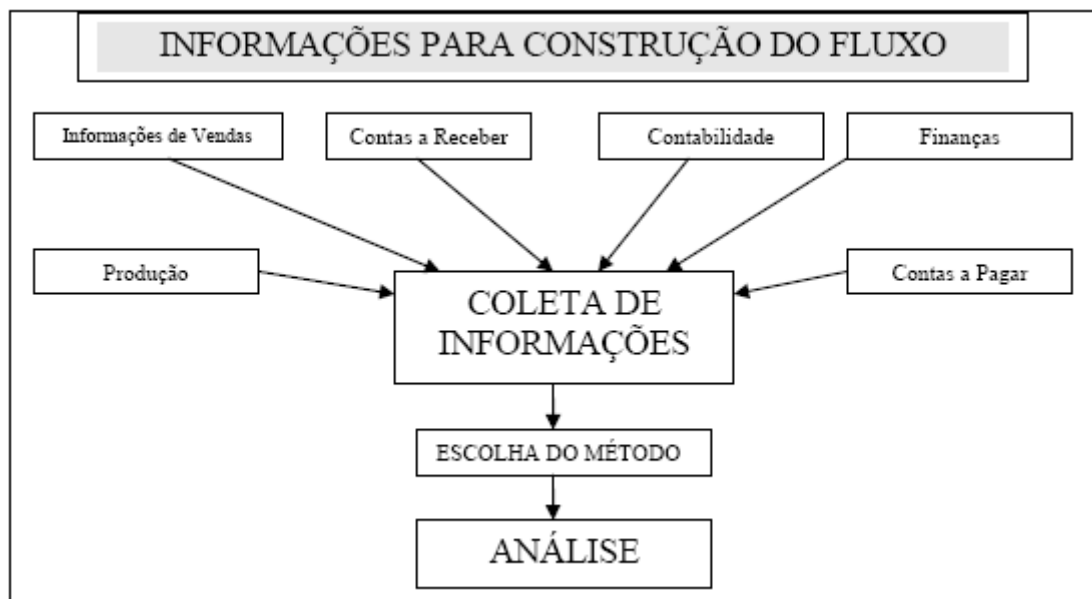


Figura 1 - Fluxo informacional de criação de fluxo de caixa.
 Fonte: Adaptado de Frezatti (1997).

2.1.3 Finalidades

Zdanowicz (1998,p.23) afirma que o fluxo de caixa tem como finalidade básica:

(...) a projeção das entradas e das saídas de recursos financeiros para determinado período, visando prognosticar a necessidade de captar empréstimos ou aplicar excedentes de caixa nas operações mais rentáveis para a empresa.

Por sua vez, Sanvicente e Santos (2000) destacam o papel primordial da previsão do fluxo de caixa, ressaltando que o objetivo básico é saber a que nível ficará o saldo de caixa a cada subperíodo relevante.

Entende-se então que a demonstração do fluxo de caixa tem como objetivo principal detalhar as variações das transações ocorridas na empresa decorrentes de atividades operacionais e não-operacionais (investimentos e financiamentos) visando a segurança da liquidez organizacional.

Afonso (1999,p.28), ressalta que:

A informação fornecida pela Demonstração de Fluxos de Caixa, se usada com a finalidade de evidenciar e informar, deve ajudar investidores, credores e outros a: avaliar a habilidade da empresa em gerar fluxo de caixa positivo e sua habilidade para quitar suas dívidas, pagar dividendos e sua necessidade de financiamento externo; verificar a razão das diferenças entre o lucro líquido associado a recebimentos e pagamentos; medir a geração de caixa nas atividades operacionais, de investimento e financiamentos da empresa durante um período contábil; analisar

alternativas de investimento e avaliar as situações presente e futura do caixa da empresa, posicionando-a para que não chegue à situação de insolvência.

Ainda a respeito das mais importantes finalidades do fluxo de caixa, Zdanowicz (1998,p.41) menciona os seguintes:

- Facilitar a análise e o cálculo na seleção das linhas de crédito a serem obtidos junto às instituições financeiras (...)
- Programar os ingressos e os desembolsos de caixa, de forma criteriosa, permitindo determinar o período em que deverá ocorrer carência de recursos e o montante, havendo tempo suficiente para as medidas necessárias.

Assim, ao solicitar um empréstimo, a empresa deve disponibilizar à instituição financeira demonstrativos que facilitem a interpretação da situação da organização, afim de agilizar o processo de liberação de crédito. O fluxo de caixa ajuda a prever os períodos em que haverá falta de recursos a tempo da empresa organizar-se de modo a não comprometer sua liquidez.

O mesmo autor menciona, ainda, outras finalidades do fluxo de caixa:

- Permitir o planejamento dos desembolsos de acordo com as disponibilidades de caixa, evitando-se o acúmulo de compromissos vultosos em época de pouco encaixe.
- Determinar quanto de recursos próprios a empresa dispõe em dado período, e aplicá-los de forma mais rentável possível, bem como analisar os recursos de terceiros que satisfaçam as necessidades da empresa.
- Financiar as necessidades sazonais ou cíclicas da empresa.

Desta forma, no momento em que a empresa sabe a época em que há mais recursos em caixa torna-se mais fácil a programação de desembolsos e quando o fluxo de caixa apresentar sobras, uma excelente saída para a empresa é aplicar o excedente, uma vez que dinheiro parado tende a perder o seu valor devido à inflação. No caso de necessidade de recursos externos, o fluxo permite a análise das possibilidades que melhor atendam as expectativas da empresa, principalmente naquelas que desenvolvem atividades sazonais.

Como anteriormente citado por Assaf Neto e Silva (1995), no item 2.3 todos os departamentos estão direta ou indiretamente ligados ao fluxo de caixa.

Matarazzo (1999) enfatiza que muitas empresas vão à falência por não saberem administrar seu fluxo de caixa. Destacando, ainda, como principais finalidades da demonstração do fluxo de caixa, as seguintes:

- (...) - avaliar alternativas de investimento;
- avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na empresa, com reflexos monetários;

- avaliar as situações presente e futura do caixa na empresa, posicionando-a para que não chegue à situação de iliquidez;
- certificar que os excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados (MATARAZZO, 1999,p.54).

Sendo assim, a demonstração do fluxo de caixa tem como objetivo otimizar a gestão financeira da empresa, procurando as melhores alternativas de aplicação de recursos próprios e de terceiros, de acordo com as respectivas atividades organizacionais.

Resnick (1990) cita que a análise e o planejamento do fluxo de caixa são ferramentas básicas para a administração de uma empresa. Complementa que, se ignoradas podem colocar em risco a sobrevivência e sucesso dessas empresas.

Kassai (1996) relata que a adoção do fluxo de caixa se justifica pela sua facilidade de compreensão e gerenciamento dos recursos financeiros escassos para a pequena empresa. Porém, alerta que não se deve abandonar as demais demonstrações contábeis, pois refletem o efetivo retorno do empreendimento e de sua lucratividade e valor, através do balanço patrimonial e da demonstração de resultado.

Como toda a demonstração contábil, o fluxo de caixa apresenta algumas vantagens e desvantagens. Silva et al (1993,p.28) elencaram algumas vantagens:

- Maior facilidade de entendimento por visualizar melhor o fluxo dos recursos financeiros.
- Utiliza um conceito mais concreto, crítico em qualquer empresa e necessário no curto e médio prazos.
- É importante nas decisões futuras de investimento, prever problemas de insolvência, e portanto, avaliar o risco, o caixa e os dividendos futuros.

Como contrapartida, os mesmos autores citaram ainda algumas desvantagens:

- Apresenta um volume menor de informações que a DOAR.
- Apesar de crença ao contrário, o fluxo de caixa é tão manipulável quanto qualquer outra informação contábil.
- A informação do fluxo de caixa não evidencia para o usuário quantas despesas foram com antecedência liquidadas ou quanto é devido em contas não pagas. (Silva et al, 1993,p.28).

Apesar das desvantagens apresentadas referentes à utilização do fluxo de caixa, as vantagens decorrentes de seu uso na gestão e tomada de decisões em uma empresa apresentam maior relevância, gerando resultados mais palpáveis e concretos em relação aos outros demonstrativos existentes.

A demonstração do fluxo de caixa por si só, pode apresentar algumas distorções referentes à inflação vigente no país, sendo assim, torna-se necessário que se aprofundem os conhecimentos referente à inflação e os efeitos que dela decorrem.

2.2 Inflação

O fenômeno inflação é um dos temas que tem preocupado os economistas. Utilizado como um dos índices de saúde econômica e financeira das nações é o mais conhecido dos tipos de variação do valor da moeda.

No atlas da UCPel (2006), consta como sendo tipos de variação do valor da moeda:

- INFLAÇÃO: É a categoria predominante de variação do valor da moeda, podendo ser definida como "alta generalizada dos preços de todos os bens e serviços de maneira persistente e continua".
- DESINFLAÇÃO: Seria justamente o oposto de inflação, resultado normalmente de intervenções governamentais como, por exemplo, programas de estabilização, alteração/correção da política econômica resultando na volta da estabilidade dos preços.
- DEFLAÇÃO: Podemos definir como sendo "queda generalizada dos preços", resultando em valorização da moeda em relação aos outros ativos e ocorre normalmente em períodos de estagnação econômica.
- REFLAÇÃO: É a recuperação dos processos deflacionários.

Conforme Braga (1994) a inflação caracteriza-se por um aumento generalizado nos preços dos bens e serviços transacionados no país. A cada mês são necessárias somas crescentes de moeda para adquirir as mesmas quantidades de bens e serviços.

Bertolo (2006) diz que:

A inflação consiste nos aumentos persistentes e generalizados dos preços dos bens e serviços disponíveis à sociedade ou vendo por outro ângulo, uma diminuição persistente do poder aquisitivo do dinheiro. Ela obriga uma quantidade cada vez maior de moeda no pagamento de um bem ou serviço e sem que tenha havido uma produção maior de riqueza, esse aumento gera perda do poder aquisitivo (...)

Conforme Luft (1984,p.314), inflação é "grande emissão de papel-moeda, alta geral de preços, com redução do poder aquisitivo".

Caracteriza-se inflação essencialmente como um fenômeno de natureza monetária, depreciação da moeda, resultante da elevação geral dos preços, abrangendo todos os ativos da economia, sendo que pode variar de intensidade.

A inflação é um processo dinâmico de preços em alta, não uma situação estática de preços altos, é um processo persistente e contínuo. A corrosão do valor da moeda vai aumentando gradativamente com o passar do tempo.

Em alguns contextos, a palavra inflação é utilizada para significar um aumento no suprimento de dinheiro, o que é às vezes visto como a causa do aumento de preços. Mas de um modo geral, a palavra inflação é usada como aumento de preços, a menos que um significado alternativo seja expressamente especificado. Outra distinção também se faz quando analisam-se os efeitos internos e externos da inflação: externamente, a inflação se traduz mais por uma desvalorização da moeda local frente a outras, e internamente ela se exprime mais no aumento do volume de dinheiro e aumento dos preços.

As conseqüências decorrentes de processos inflacionários tornam-se mais severas e desastrosas tanto maior for a velocidade e intensidade do processo de alta de preços, ao passo que taxas de inflação baixas também produzem dificuldades de assimilação pela economia, como é o caso do Brasil.

Iudícibus (1998), diz que o impacto das flutuações do poder aquisitivo da moeda é expressivo no Brasil e em muitos outros países, para ser desprezado pela contabilidade e na análise de balanços. A análise horizontal e vertical em ambientes inflacionários além de não oferecer base de comparação, impede a verificação do desempenho real da empresa.

Sobre a inflação, Famá (1980) afirmou que ela causa repercussão intensa a qualquer investimento, pois além de haver a necessidade de se apurar um retorno adequado, é preciso, ainda, avaliar o acréscimo que deve ser exigido desse retorno, a fim de recuperar a parcela perdida com a desvalorização do poder aquisitivo da moeda.

Conforme consta na Enciclopédia Wikipedia (2006), os processos inflacionários podem ser de dois tipos: inflação de custo e de demanda. Na inflação de custo, o processo inflacionário é gerado pelo aumento dos custos de produção. Por causa de uma redução na oferta de fatores de produção, o seu preço aumenta, com maiores custos a produção se reduz e ocorre uma diminuição na oferta dos bens de consumo, aumentando seu preço. Este tipo de inflação ocorre quando a oferta de moeda não aumenta mas a produção se reduz.

Já a inflação de demanda trata-se de um processo inflacionário gerado pelo aumento do consumo. Os preços sobem por que há aumento geral da demanda

que não é acompanhado por um aumento geral da oferta. Neste caso, a produção não acompanha o aumento da oferta.

Para Figueiredo e Ferreira (2002) uma política monetária de redução da taxa de expansão monetária ou mesmo contração da oferta de moeda, com conseqüente redução na oferta de crédito no mercado financeiro, elevando as taxas de juros, é adequada para controlar a inflação de demanda, mas é discutível a sua eficácia quando são os custos que estão pressionando os preços.

Um efeito da inflação de pequena escala é que se torna mais difícil renegociar alguns preços, e particularmente contratos para valores mais baixos, então com o aumento geral de preços é mais fácil para que os preços relativos se ajustem.

Muitos na comunidade financeira lembram do "risco escondido" da inflação como um incentivo essencial para o investimento, ao invés da simples poupança, riqueza acumulada. A inflação, desta perspectiva, é vista como a expressão no mercado do valor temporal do dinheiro. Ou seja, se um real hoje é mais valioso que um real daqui a um ano, então deve haver uma desvalorização do real na economia como um todo, no futuro. Desta perspectiva, a inflação representa a incerteza sobre o valor da moeda no futuro.

A inflação provoca efeitos sobre a estrutura de produção da economia, redistribuindo rendas e causando uma desproporcionalidade em relação ao volume de demanda para os vários setores da economia, já que os preços não mudam todos juntos e sim cada um com diferente intensidade. No caso de inflação monetária, em que a moeda é injetada no mercado de crédito, investimentos ineficientes são criados o que leva a crises econômicas.

A inflação, entretanto, além destas conseqüências tem vários outros efeitos crescentemente negativos na economia. Desde que a inflação é geralmente resultado de políticas governamentais para aumentar a disponibilidade de moeda, a contribuição do governo para um ambiente inflacionário é vista como uma taxa sobre a moeda em circulação. Com o aumento da inflação, aumenta esse peso sobre o dinheiro em circulação, que por sua vez promove um aumento da velocidade de circulação do dinheiro, o que reforça o processo inflacionário em um ciclo vicioso que pode levar à hiperinflação.

Mede-se a inflação por meio de indicadores ou índices que tentam refletir o aumento de preços de um setor em particular ou de um segmento de consumidores.

Efetivamente, existem diversos índices que são calculados para o atendimento de várias finalidades.

2.2.1 Índices

No Brasil são utilizados inúmeros índices, uma vez que cada setor da economia é afetado de uma forma diferente pela desvalorização da moeda.

Seguem os índices mais importantes e mais utilizados para cálculo geral da inflação, que foram retirados do site da Fundação Getúlio Vargas:

- Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) é uma média ponderada do índice de preços no atacado (IPA), com peso 6; de preços ao consumidor (IPC) no Rio de Janeiro e São Paulo, com peso 3; e do custo da construção civil (INCC), com peso 1.

Se apresentam em três versões, O IGP-DI, o IGP-10 e o IGP-M. O que faz a distinção entre cada um deles é o período de coleta.

- Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), é o índice que tenta refletir as variações mensais de preços, pesquisados do dia 01 ao último dia do mês corrente. Foi instituído em 1944 com a finalidade de medir o comportamento de preços em geral da economia brasileira. Ele é formado pelo IPA (Índice de Preços por Atacado), IPC (Índice de Preços ao Consumidor) e INCC (Índice Nacional do Custo da Construção), com pesos de 60%, 30% e 10%, respectivamente. O índice apura as variações de preços de matérias-primas agrícolas e industriais no atacado e de bens e serviços finais no consumo. Disponibilidade Interna é a consideração das variações de preços que afetam diretamente as atividades econômicas localizadas no território brasileiro. Não se considera as variações de preços dos produtos exportados que é considerado somente no caso da variação no aspecto de oferta global.

- Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), índice também produzido pela FGV, cuja metodologia é igual à do IGP-DI, mas pesquisado entre os dias 21 de um mês e 20 do seguinte. O IGP tradicional abrange o mês fechado, enquanto o IGP-M é elaborado para contratos do mercado financeiro.

- Índice Geral de Preços 10 (IGP-10), é elaborado com a mesma metodologia do IGP e do IGP-M, mudando apenas o período de coleta de preços: entre o dia 11 de um mês e o dia 10 do mês seguinte.

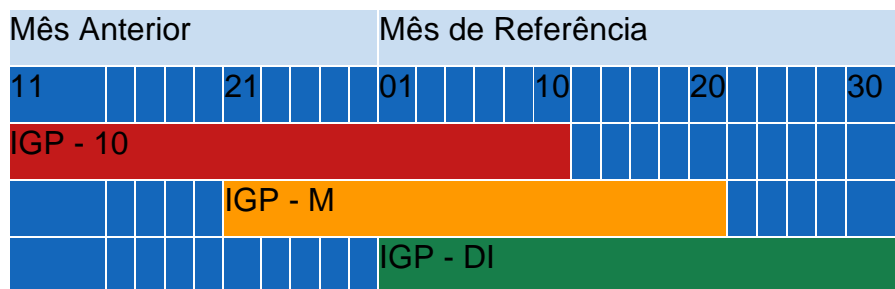


Figura 2 - Período de Coleta de dados para precificação
 Fonte: Fundação Getulio Vargas (2006)

Na figura 2 é possível visualizar que o índice IGP-10 é formado pelas flutuações ocorridas entre o dia 11 do mês anterior e o dia 10 do mês de referência, bem como o IGP-M do dia 21 do mês anterior e 20 do mês de referência e finalmente o IGP-DI do dia 01 ao dia 30 do mês de referência.

- Índice de Preços da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-FIPE), é uma taxa de inflação ao consumidor computada em um período de trinta dias, encerrado na metade da semana anterior à sua divulgação. Desta forma, a taxa de inflação anunciada é sempre expressa em percentagem ao mês, possibilitando detectar, em intervalos de tempo cada vez menores, mudanças de curso que venham a se dar na trajetória dos preços.

- O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), passa a fazer parte do sistema de índices de preços ao consumidor da FGV. Este sistema é composto atualmente pelos seguintes índices: IPC - DI, IPC - M, IPC -10, IPC - RJ e IPC - SP. Os três primeiros são índices de periodicidade mensal, calculados e divulgados no âmbito dos Índices Gerais de Preços (IGPs). Os dois últimos, também mensais, fazem parte, mas antecedem em um dia a divulgação do IGP - DI. A FGV mantém, em paralelo, as rotinas dos IPCs mensais e dos semanais. A divulgação do IPC-S ocorrerá sempre no mesmo dia da semana, mas o calendário de coleta dos preços que formam o índice terá uma pequena margem de variação, para mais ou para menos. O IPC-S, como os demais IPCs, tem preços levantados nas 12 capitais que formam a rede de coleta da FGV. No cálculo do índice, cada capital tem peso proporcional à sua população. Compõem o IPC-S cerca de 450 produtos e serviços, agrupados em sete classes de despesas. Os pesos atribuídos a estes itens espelham as despesas das famílias com renda mensal até 33 salários mínimos e são conhecidos por meio de pesquisas de orçamentos familiares realizadas pela

FGV. É, desse modo, o único índice de preços de periodicidade semanal com grande abrangência geográfica, calculado no Brasil.

- Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), é a média do custo de vida nas 11 principais regiões metropolitanas do país para famílias com renda de 1 até 8 salários mínimos, sendo medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

- Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), também do IBGE, calculado desde 1980, semelhante ao INPC, porém refletindo o custo de vida para famílias com renda mensal de 1 a 40 salários mínimos. A pesquisa é feita nas mesmas 11 regiões metropolitanas, tendo sido escolhido como alvo das metas de inflação no Brasil.

- Índice Nacional do Custo da Construção (INCC), um dos componentes das três versões do IGP, o de menor peso. Reflete o ritmo dos preços de materiais de construção e da mão-de-obra no setor. Utilizado em financiamento direto de construtoras/incorporadoras

- Custo Unitário Básico (CUB), índice que reflete o ritmo dos preços de materiais de construção e da mão-de-obra no setor, que é calculado por sindicatos estaduais da indústria da construção, e usado em financiamentos de imóveis. O CUB é um índice de insumos, utilizado durante a obra, para atualizar os valores dos materiais empregados em cada etapa da construção. Após a entrega da obra, ele será alterado para o IGPM, IPC, ou outro permitido pela legislação.

- A Taxa do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (SELIC) é divulgada pelo Comitê de Política Monetária (COPOM). Ela tem vital importância na economia, pois as taxas de juros cobradas pelo mercado são balizadas pela mesma. Assim, se a taxa anual está em 17% e a inflação do mesmo período foi de 5%, a taxa de juro real anual foi de 12% - a diferença. Ela expressa na forma anual, é a taxa média ponderada pelo volume das operações de financiamento por um dia, lastreadas em títulos públicos federais e realizadas no SELIC, na forma de operações compromissadas. É a taxa básica utilizada como referência pela política monetária. Os dados abrangem os títulos do governo federal de curto, médio, e longo prazo, emitidos pelo Tesouro ou pelo Banco Central, negociados e registrados nesse sistema. A taxa SELIC é dada pela média diária ponderada pelo volume das operações.

Como resultado da inflação, o significado das medidas contábeis e econômicas de rentabilidade, lucros e custos divergem, e esta divergência é maior à medida que a inflação se acelera. Alguns setores da economia, como o comércio, a indústria, e o próprio governo detêm ferramentas para amenizar ou até mesmo anular seu efeito sobre os ativos.

Diversos mecanismos foram desenvolvidos para atenuar o impacto da inflação nas peças contábeis das empresas, sendo eles a correção monetária do balanço patrimonial e a correção monetária integral.

Antes de abordar as referidas técnicas, preliminarmente, devem-se compreender os conceitos de itens monetários e não monetários.

2.3 Itens monetários e não-monetários

Iudícibus (1998) diz que os itens monetários estão expressos em unidades monetárias que não se alteram ao longo do tempo, mas cujo poder geral de compra varia. Já sobre os preços dos itens não monetários, diz que devem variar ao longo do tempo, representando um nível pré-determinado de poder aquisitivo.

Diz ainda que os itens monetários são compostos pelas contas de disponibilidades e de direitos e obrigações a serem liquidados com disponibilidades e que podem ser subdivididos em:

- 1- itens monetários puros, compostos pelas contas de valor prefixado que não contém qualquer forma de reajuste ou atualização, como o próprio caixa em moeda nacional.
- 2- Itens Monetários prefixados, que também não têm atualização, mas que possuem embutida alguma expectativa de inflação já inserida em seu valor, como contas a receber de vendas a prazo.
- 3- Itens monetários indexados, que são as contas, monetárias sujeitas a atualização por índice pós-fixado, como os empréstimos em dólar. (IUDÍCIBUS, 1998,p.502).

A respeito dos itens não monetários, Iudicibus (1998) diz que são todos os demais, ou seja, aqueles que representam bens (estoques, imobilizado etc.), despesas antecipadas ou diferidas (seguros a apropriar, despesas pré-operacionais etc), adiantamento a serem liquidados em bens (a fornecedores, de clientes etc), resultado de exercícios futuros, etc.

Os itens não-monetários representam aqueles elementos patrimoniais cujo objeto de avaliação se apresenta na forma de bens tangíveis ou intangíveis, de direitos e obrigações representativos de propriedade e/ou de recebimento ou

entrega futura de bens ou serviços; são os elementos que compõem o capital não financeiro de uma companhia. Os valores representativos destes elementos não estão sujeitos à corrosão provocada pela inflação, não acarretando a sua manutenção no patrimônio da sociedade qualquer perda ou ganho inflacionário.

A respeito dos efeitos das variações de preços nos itens monetários, o referido autor diz que se deve entender que a inflação é benéfica para devedores e prejudicial para credores, pois os passivos monetários geram ganhos inflacionários e os ativos monetários geram perdas.

2.4 Correção monetária de balanços

A partir do que já foi apresentado no item anterior, a respeito de inflação, surge a necessidade de encontrar meios para reduzir os impactos provocados por ela no Balanço da empresa. A correção monetária foi a solução encontrada para suavizar essas divergências.

Gabriel (2004,p.5) diz que a correção monetária de balanços:

(...) consiste em um método simplificado de reconhecimento dos efeitos inflacionários nas demonstrações contábeis, aplicando-se um índice geral de preços a fim de corrigir os valores do ativo permanente e patrimônio líquido (itens não-monetários). A contrapartida das correções deve ser lançada em uma conta denominada "Correção Monetária" cujo saldo é transferido para o resultado como despesa, se devedor, ou como receita, se credor. Tal técnica considera, indiretamente, os efeitos da inflação registrados em uma única conta na Demonstração de Resultados do Exercício (...)

Neste sentido, Bertorlo (2006) aprofunda os conhecimentos a esse respeito, expondo o objetivo da correção monetária, que é:

(...) minimizar (ou até neutralizar) as distorções causadas pela inflação na economia. Com ela os valores monetários (preços dos bens de serviços, salários, empréstimos, financiamentos, aplicações financeiras, impostos, etc.) são reajustados com base na inflação no período anterior, medida por um índice de preços, que procura medir a mudança que ocorre nos níveis de preços de um período para outro.

Deve-se estar atento no momento de escolher o índice que será utilizado para realizar a correção monetária, pois a variação dos preços que é relevante para uma pessoa ou empresa em particular não é, necessariamente, a mesma refletida pelos índices calculados por instituições como FIPE, FGV e outras.

A seleção do índice mais apropriado para medir a inflação relevante para uma empresa é em si um problema complicado, pois não necessariamente os

índices disponíveis refletem a variação de preços relevante para cada caso em particular.

Para que a demonstração do fluxo de caixa reflita uma situação mais próxima da real, deve-se utilizar a correção monetária integral, que normalmente é realizada através de indicadores específicos, de acordo com cada projeto ou situação analisada.

A partir do que já foi exposto até o momento, faz-se necessário o estudo mais detalhado dos conceitos que envolvem a correção monetária integral, bem como sua utilização.

2.5 Correção monetária integral

A correção monetária integral é definida por Iudícibus e Marion (2001,p.49) como:

(...) sistema que objetiva produzir demonstrações financeiras em uma única moeda para todos os itens componentes dessas demonstrações, além de explicar os efeitos da inflação sobre cada conta. Para tanto, é necessária a adoção de um índice que reflita a perda do poder de compra da moeda corrente e pelo mesmo sejam atualizados os saldos contábeis e reconhecidos seus efeitos no resultado do exercício.

Segundo os autores, as principais melhorias introduzidas pela correção monetária integral são:

- Apresentação dos efeitos da inflação em todos os elementos das demonstrações contábeis;
- Correção dos saldos finais de itens não monetários que não eram considerados na legislação societária; e
- Inclusão do ajuste a valor presente nos valores prefixados de contas a receber e a pagar. (IUDÍCIBUS E MARION, 2001,p.49).

Gabriel (2004,p.5) diz que na correção monetária integral “os efeitos da inflação são reconhecidos em todos os componentes do patrimônio, utilizando-se um índice geral de preços e evidenciando os valores das demonstrações contábeis em moeda de capacidade aquisitiva constante”.

Comparando a correção monetária de balanços e a correção monetária integral, o autor supracitado diz ainda que:

Ao eliminar a sistemática de correção em uma única conta, obteve-se maior refinamento na mensuração dos itens do resultado. Embora seja possível conciliar o resultado das duas técnicas, a CMI é mais analítica e tem poder informativo maior. (GABRIEL, 2004,p.5).

A demonstração de fluxo de caixa em consonância com a correção monetária integral, gera indicadores do momento ideal para a realização de empréstimos ou captações de recursos externos, tanto para a cobertura de eventuais situações deficitárias, como para implementar decisões que dependem de aportes adicionais. Além disso, serve para orientar as aplicações dos excedentes de caixa (*superávits*) no mercado financeiro, possibilitando maiores ganhos para a organização e melhor compatibilização dos prazos.

Sem o reconhecimento dos efeitos inflacionários nas demonstrações contábeis, existe a possibilidade de ocorrerem sérias distorções dos números apresentados pela contabilidade, apesar dos baixos índices de inflação observados após o plano real.

Neste sentido, Silva et al (1993,p.26) expõem que:

Se tomarmos uma inflação de 5% ao ano, num período de 10 anos teremos 62,9% de inflação acumulada. Se para a mesma taxa de inflação ampliarmos o período para 20 anos a inflação acumulada será de 165,3%. Os números acima demonstram que a longo prazo, mesmo para os países onde a inflação é considerada baixa, a contabilidade, quando não devidamente atualizada, acaba por apresentar defasagens bastante sensíveis.

Tendo em vista todos os conceitos já disponibilizados até o momento, é de fundamental importância que se adote um modelo de gestão, obedecendo a um processo de planejamento, execução e controle, que seja dinâmico, flexível e adaptável às mudanças do meio ambiente.

2.6 Gestão

Para sobreviver num ambiente competitivo e inovador, a empresa necessita de um processo de gestão, também inovador, para que possa atingir seus objetivos e cumprir sua missão.

Com relação ao processo de gestão nas empresas, Resnick (1990) ressalta que a administração de uma empresa é a arte do essencial. É tirar o máximo do mínimo.

O conceito da gestão, apesar de largamente difundido, não constitui um consenso. Inúmeras são as suas fórmulas e propostas, que vieram ganhando

estrutura e conteúdo desde os primórdios da administração, tanto pública, quanto privada.

Conforme Ferreira (1986,p.282), tem-se que gestão “deriva do latim *gestione*, que quer dizer ato de gerir; gerência, administração. Processo de se conseguir e obter resultados da organização com o esforço dos outros, organizando, coordenando, dirigindo o trabalho alheio”.

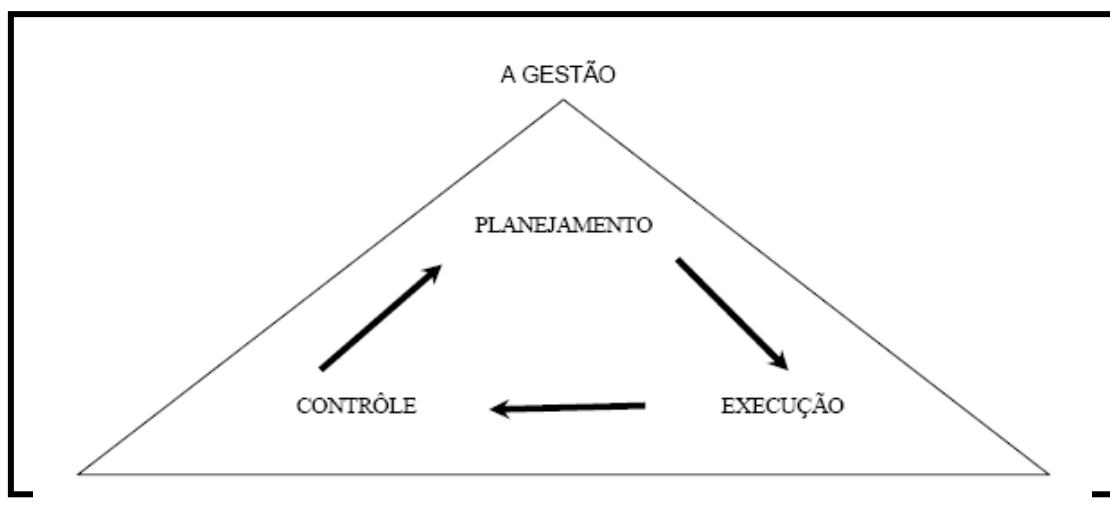
Já Macedo (2002,p.34) conceitua gestão como:

Processo sistemático e permanente envolvendo o planejamento da ação, a implantação da ação, a manutenção da ação, os registros das atividades envolvidas, o registro dos resultados previstos e alcançados, a documentação das decisões e atividades decorrentes, a disseminação de informações de relevante interesse, a monitoração dos processos e atividades, a monitoração do desempenho organizacional interno e externo, o controle dos processos e dos resultados, a avaliação crítica de todos os elementos da gestão, e o aprimoramento contínuo dos mesmos.

A gestão das organizações é provavelmente o fator principal de sucesso ou insucesso das empresas. A qualidade da sua gestão determina o desempenho e o sucesso da organização.

Macedo (2002) diz ainda que gestão da informação, gestão das disponibilidades, gestão da tecnologia, gestão da qualidade, gestão ambiental e gestão da mudança são os novos símbolos que agregam valor a uma organização que pretenda ser moderna e eficaz. Mas ainda assim, cada natureza da gestão ainda parece possuir características próprias e exclusivas, o que torna difícil a sua comparação e integração.

A figura 3 apresenta a gestão como um ato de administrar.



Fonte: Maluche (2000).

Mosimann, Alves e Fisch (1993) subdividem a gestão empresarial em três grandes vertentes: gestão operacional, gestão financeira e gestão econômica. Salientam que a gestão operacional está relacionada com a execução dos trabalhos da forma mais eficiente e racional em todas as áreas da empresa, como recursos humanos, produção, vendas, compras, finanças. Na gestão financeira são enfatizados os problemas de caixa e de liquidez, sendo basicamente duas as suas funções: a aquisição dos fundos de que a empresa precisa para operar e a distribuição eficiente desses fundos entre os vários usos. Por sua vez, a gestão econômica consolida as demais tendo como ponto de sustentação o planejamento e o controle, preocupa-se com o resultado econômico das diversas áreas da empresa, para que esta alcance a eficácia.

Diante do exposto, infere-se que a gestão das empresas consiste de um processo que envolve todas as funções administrativas, seja na gestão operacional, financeira ou econômica.

Apesar de todas as vertentes da gestão empresarial que foram apresentadas terem seu grau de importância, enfatizar-se-á a gestão financeira, com aprofundamento da análise do fluxo de caixa para tomada de decisões, bem como a importância de informações mais corretas e atualizadas, buscando assim uma confiabilidade maior no momento da análise.

Para Braga (1994,p.56), a gestão financeira:

(...) compreende um conjunto de atividades relacionadas com a gestão dos fundos movimentados por todas as áreas da empresa¹. Essa função é responsável pela obtenção de recursos necessários e pela formulação de uma estratégia voltada para otimização do uso desses fundos. Encontrada em qualquer tipo de empresa, a gestão financeira tem um papel muito importante no desenvolvimento de todas as atividades operacionais, contribuindo significativamente para o sucesso do empreendimento.

Para Archer e D' Ambrósio (1971,p.367),

(...) a gestão financeira compreende os esforços despendidos objetivando a formulação de um esquema que seja adequado à maximização dos retornos dos proprietários das ações ordinárias da empresa, ao mesmo tempo em que possa propiciar a manutenção de um certo grau de liquidez.

¹ As expressões recursos e fundos estão sendo utilizadas como sinônimas de recursos financeiros que compreendem tanto o numerário movimentado pelas empresas, quanto os direitos e obrigações decorrentes das transações realizadas a crédito.

Conforme Zdanowicz (1998,p.45),

(...) a gestão financeira, por sua vez, centraliza-se na captação, na aplicação dos recursos necessários e na distribuição eficiente dos mesmos, para que a empresa possa operar de acordo com os objetivos e as metas que se propõe a cúpula diretiva. Tem como princípio básico cuidar em ter-se o numerário para saldar em tempo hábil os compromissos assumidos com terceiros e maximizar os lucros.

Os administradores, a todo instante, estão utilizando diversas práticas financeiras para melhor executar o processo de gestão do fluxo de caixa.

Zdanowicz (1998,p.45) cita ainda que "o fluxo de caixa é o instrumento que permite ao gestor financeiro: planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar os recursos financeiros de sua empresa num determinado período".

Assim, a projeção de uma situação financeira futura é que faz do fluxo de caixa uma poderosa ferramenta para os gestores, na medida em que suas ações poderão ser redirecionadas, dependendo do saldo disponível projetado, segundo o foco definido pela administração superior.

Nesse sentido, para que a função financeira alcance o seu objetivo, é preciso que haja harmonia entre a rentabilidade e a liquidez, ou seja, entre ciclo operacional e o ciclo de caixa.

Frezatti (1997) afirma ainda que as práticas de gestão que constituem o processo do fluxo de caixa estão divididas em: gestão das disponibilidades, gestão de contas a receber e gestão de contas a pagar.

Será abordada de maneira mais aprofundada a gestão de disponibilidades, por estar diretamente ligada ao tema proposto.

2.7 Práticas de gestão das disponibilidades

A gestão das disponibilidades abrange a determinação e o controle do dinheiro em caixa ou depositados em bancos provenientes das atividades de operações normais da empresa (produção e venda de produtos) ou à gestão das entradas e saídas de caixa de investimento e de financiamento. As aplicações financeiras de curtíssimo prazo (com prazo de vencimento em até três meses da data da aplicação) também fazem parte deste grupo.

Seja qual for a determinação do nível dos saldos de disponibilidades, o administrador financeiro deve sempre ter em mente a preocupação com a liquidez da empresa. É prejudicial à organização tanto o excedente de disponibilidades

quanto a insuficiência da mesma. Quando houver excedentes temporários de disponibilidades aconselha-se aplicá-las em títulos negociáveis de curtíssimo prazo que ofereçam alta liquidez e segurança do principal.

2.8 Práticas de gestão do processo do fluxo de caixa

O processo de gestão do fluxo de caixa vem ganhando importância considerável nas últimas décadas como instrumento tático e estratégico na maioria das empresas que se preocupam com competitividade.

De acordo com Frezatti, (1997,p.25), as abordagens tática e estratégica compreendem:

- Abordagem tática: É aquela que se referencia ao fluxo de caixa como um instrumento de utilidade restrita e acompanhamento. Quando a diretoria, em sua reunião semanal, discute a situação de caixa da empresa e analisa alternativas para postergar pagamentos e antecipar entradas, está caminhando na direção das decisões táticas.
- Abordagem estratégica: É aquela que afeta o nível de negócios da empresa não só a curto prazo, mas também, e principalmente, a longo prazo. Neste caso irá englobar decisões ligadas a investimentos e financiamentos das operações organizacionais.

Zdanowicz (1998) denomina fluxo de caixa pela expressão inglesa “*Cash Flow*”, que é o instrumento mais importante para o administrador financeiro, pois através dele, planeja as necessidades e excedentes de recursos financeiros a serem utilizados pela empresa.

O referido autor diz ainda que de acordo com a situação econômico-financeira da empresa, o fluxo de caixa irá prognosticar e diagnosticar os objetivos máximos de liquidez e de rentabilidade para o período em apreciação, de forma quantificada em função das metas propostas. As dificuldades da empresa que utiliza o planejamento para elaborar o fluxo de caixa, serão bem menores, pois se ela souber no início de cada período, quais as necessidades ou os excedentes de recursos financeiros, poderá antecipadamente tomar a decisão mais adequada para solucionar seus impasses de caixa.

Os erros e os problemas decorrentes da não utilização do planejamento são, provavelmente, muito maiores do que os resultantes das estimativas realizadas previamente pela empresa em seu plano geral de operações.

O administrador financeiro deverá estar preparado para rever seus planos, caso algum problema econômico-financeiro imprevisto vier perturbá-lo. Isso deve ser detectado através do controle de caixa.

A projeção de fluxo de caixa depende de vários fatores como o tipo de atividade econômica, o porte da empresa, o processo de produção e/ou comercialização e se é contínuo ou não.

Para Campos Filho (1997) a gestão do fluxo de caixa não se constitui em preocupação exclusiva das grandes empresas, ou mesmo daquelas voltadas para a obtenção do lucro, mas das organizações em geral. Na iniciativa privada o fluxo de caixa é empregado como instrumento de análise e avaliação do orçamento de capital, no estudo das alternativas de investimentos, da taxa interna de retorno, objetivando sempre a maximização dos lucros.

Diante do exposto, para uma eficaz gestão financeira em uma empresa, faz-se indispensável a utilização de demonstrativos corretos e adaptados às suas necessidades. Com o demonstrativo de fluxo de caixa, tem-se as entradas e saídas de numerários, porém estas representam os valores atuais, e não o valor real da moeda na data de liquidação ou recebimento.

Na conjuntura econômica atual a liquidez das empresas pode ser afetada pela inflação. Neste sentido, pode-se exemplificar que o recebimento dos numerários das vendas a prazo não terão o mesmo poder aquisitivo que tinham na data da venda.

Para obter o valor mais próximo do real, na data futura, os gestores devem utilizar a correção monetária integral, adotando um índice que ajudará a refletir a perda do poder de compra da moeda corrente, em consonância ao demonstrativo de fluxo de caixa.

A partir dos dados obtidos, ter-se-á a possibilidade de conhecer a perda ou o ganho gerado pela inflação. E em função disto, a empresa terá a chance de optar por investir estes valores, buscando reduzir perdas ou aumentar ganhos.

3 METODOLOGIA

Este trabalho destina-se à análise do uso do demonstrativo de fluxo de caixa, na gestão de disponibilidades em ambiente inflacionário, para a otimização de resultados financeiros e à proposição de um modelo que permita a melhor interpretação dos dados obtidos, bem como apresentar formas de gerenciamento que permitam a redução de perdas.

Compete indicar o tipo de metodologia que foi adotada, e apresentar os procedimentos sistêmicos que conduziram a pesquisa para a apresentação e o desenvolvimento do trabalho.

Fachin (2002) conceitua método como sendo um instrumento de conhecimento que proporciona aos pesquisadores orientação para facilitar e planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações e realizar experiências.

Este trabalho utilizou como primeiro método a pesquisa bibliográfica a fim de se valer de embasamento teórico e sustentar o desenvolvimento do trabalho para atingir os objetivos propostos.

Lakatos e Marconi (1992) relatam que o levantamento bibliográfico já publicado sobre o tema proposto, permite o esforço paralelo na análise da pesquisa e manipulação das informações.

Assim, a citação de outros autores permite salientar a contribuição da pesquisa realizada e reafirmar comportamentos e atitudes perante o tema proposto.

Foi elaborado um caso hipotético, que possibilitou o desenvolvimento de um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa que ajudou a identificar problemas causados pela desvalorização monetária.

Após concretizada essa etapa da pesquisa, tem-se a análise e interpretação dos dados, que para Martins (2002), uma vez depurados, os dados deverão ser analisados visando à solução do problema proposto pela pesquisa, satisfazendo assim os objetivos colimados.

4 CASO HIPOTÉTICO

A avaliação do desempenho econômico-financeiro de uma empresa busca identificar, através da análise das demonstrações contábeis, basicamente os reflexos das decisões tomadas pela administração na estrutura patrimonial, quanto à liquidez e à rentabilidade.

Emerge a questão do impacto de ambientes inflacionários nos resultados e no patrimônio, conforme o setor da economia em que a empresa está inserida.

Para a composição do caso hipotético, foram utilizados dados fictícios referente aos meses de abril, maio e junho de 2006, de uma empresa, também fictícia, que chamamos de ZET Cia. Ltda.

A empresa atua no ramo de distribuição de bebidas, principalmente entre estabelecimentos comerciais e eventos da cidade. Fica localizada no bairro Medianeira da cidade de Santa Maria.

A empresa está estabelecida desde 1994, sendo que no princípio comercializava apenas destilados e em pequena quantidade. Devido ao aumento significativo das vendas, a empresa ampliou o estabelecimento e também diversificou a variedade de produtos, passando a comercializar bebidas geladas, como cervejas e refrigerantes, o que hoje representam o carro-chefe da empresa.

Um diferencial da ZET Cia. Ltda. é que além da venda dos produtos, a empresa empresta o freezer e entrega gratuitamente, além de oferecer a facilidade da compra consignada, isto é, possibilita ao cliente pagar apenas a bebida que foi consumida no evento, desde que dentro de um percentual, podendo efetuar a devolução do excedente.

Cabe ressaltar que a empresa apresenta grande movimentação diária de caixa, com muitos recebimentos e pagamentos sendo estes de valores consideravelmente altos. Ela possui clientes fixos, como supermercados, bares e boates da cidade e região, além de comercializar também para eventos pequenos, como formaturas, festas infantis e aniversários, sendo que é neste segmento que se destaca em relação aos concorrentes, pois fica ainda mais evidente o seu diferencial.

Em uma empresa como esta, com grandes movimentações de caixa, torna-se muito importante a transparência e a exatidão de suas demonstrações contábeis,

além do conhecimento das especificidades do setor em que atua, que é de distribuição de bebidas.

Devido aos altos valores mantidos no caixa para a efetivação dos pagamentos aos fornecedores, a empresa necessita de um acompanhamento contábil diferenciado, a fim de não sofrer grandes perdas por manter dinheiro parado desnecessariamente.

Um dos fatores que influencia essas perdas é a inflação existente no país, que apesar de não apresentar elevados índices, torna-se bastante representativa, ainda mais em empresas como a ZET Cia. Ltda, que lida diariamente com altos recebimentos e desembolsos.

Para amenizar os efeitos causados pela inflação, foi utilizada a correção monetária integral, com base em três índices, considerados de maior difusão, que são IGP-M, IPC-M e Selic.

Pode-se verificar no Quadro 1 a variação ocorrida de janeiro de 2005 a junho de 2006 relativa a estes índices. É importante ressaltar que cada índice é calculado em relação a diferentes bases, resultando em variações muitas vezes acentuadas de um índice para outro, como pode ser verificado no Quadro 1.

Data	ÍNDICES (%)		
	IPC-M	IGP-M	Selic
Jan/05	0,8	0,39	1,38
Fev/05	0,51	0,3	1,22
Mar/05	0,66	0,85	1,53
Abr/05	0,8	0,86	1,41
Mai/05	1,02	-0,22	1,5
Jun/05	0,05	-0,44	1,59
Jul/05	0,12	-0,34	1,51
Ago/05	-0,32	-0,65	1,66
Set/05	-0,17	-0,53	1,5
Out/05	0,42	0,6	1,41
Nov/05	0,46	0,4	1,38
Dez/05	0,52	-0,01	1,47
Jan/06	0,7	0,92	1,43
Fev/06	0,11	0,01	1,15
Mar/06	0,22	-0,23	1,42
Abr/06	0,22	-0,42	1,08
mai/06	0,07	0,38	1,28
Jun/06	-0,44	0,75	1,18

Quadro 1 - Evolução dos índices históricos

Com base nos índices registrados nos meses de abril, maio e junho de 2006, foi feito o cálculo da variação diária sofrida pelos índices em cada um dos meses. Esta variação foi calculada dividindo-se o índice do mês pelo total de dias neste mês, distribuindo-os aritmeticamente de modo diário, conforme é apresentado no Quadro 2.

Mês de Abril			
Índices	Período	Índice do Período	Índice Médio Aritmético Diário
IPC-M	Mensal	0,22	0,0073333
IGP-M	Mensal	-0,42	-0,0140000
Selic	Mensal	1,08	0,0360000
Mês de Maio			
Índices	Período	Índice do Período	Índice Médio Aritmético Diário
IPC-M	Mensal	0,07	0,0022581
IGP-M	Mensal	0,38	0,0122581
Selic	Mensal	1,28	0,0412903
Mês de Junho			
Índices	Período	Índice do Período	Índice Médio Aritmético Diário
IPC-M	Mensal	-0,44	-0,0146667
IGP-M	Mensal	0,75	0,0250000
Selic	Mensal	1,18	0,0393333

Quadro 2 - Variação diária dos índices históricos

O cálculo da variação diária dos índices foi feito da seguinte maneira, conforme exemplificado para o índice IPC-M no mês de abril:

$$\text{IPC - M diário do mês de abril} = \frac{\text{índice do período}}{n^{\circ} \text{ de dias do mês}}$$

Exemplo:

$$\text{IPC - M diário do mês de abril} = \frac{0,22}{30} = 0,00733$$

Para o cálculo da UMC diária foi utilizada a base 100 e a este valor foi adicionada a variação diária calculada para cada índice, que está demonstrada no Quadro 2, acumulando no decorrer do trimestre, conforme segue exemplo para o dia 03/04/2006 referente ao índice IPC-M:

$$\text{IPC - M} = \text{base 100} + \text{variação dia 01/04/06} + \text{variação dia 02/04/06} + \text{variação dia 03/04/06}$$

Exemplo:

$$\text{IPC - M} := 100 + 0,007333 + 0,007333 + 0,007333 = 100,0220$$

O Quadro 3 mostra as UMCs diárias referentes aos meses de abril, maio e junho para os três índices.

Data	UMC IPC-M	UMC IGP-M	UMC Selic	Data	UMC IPC-M	UMC IGP-M	UMC Selic
31/3/2006	100,0000	100,0000	100,0000	16/5/2006	100,2561	99,7761	101,7406
1/4/2006	100,0073	99,9860	100,0360	17/5/2006	100,2584	99,7884	101,7819
2/4/2006	100,0147	99,9720	100,0720	18/5/2006	100,2606	99,8006	101,8232
3/4/2006	100,0220	99,9580	100,1080	19/5/2006	100,2629	99,8129	101,8645
4/4/2006	100,0293	99,9440	100,1440	20/5/2006	100,2652	99,8252	101,9058
5/4/2006	100,0367	99,9300	100,1800	21/5/2006	100,2674	99,8374	101,9471
6/4/2006	100,0440	99,9160	100,2160	22/5/2006	100,2697	99,8497	101,9884
7/4/2006	100,0513	99,9020	100,2520	23/5/2006	100,2719	99,8619	102,0297
8/4/2006	100,0587	99,8880	100,2880	24/5/2006	100,2742	99,8742	102,0710
9/4/2006	100,0660	99,8740	100,3240	25/5/2006	100,2765	99,8865	102,1123
10/4/2006	100,0733	99,8600	100,3600	26/5/2006	100,2787	99,8987	102,1535
11/4/2006	100,0807	99,8460	100,3960	27/5/2006	100,2810	99,9110	102,1948
12/4/2006	100,0880	99,8320	100,4320	28/5/2006	100,2832	99,9232	102,2361
13/4/2006	100,0953	99,8180	100,4680	29/5/2006	100,2855	99,9355	102,2774
14/4/2006	100,1027	99,8040	100,5040	30/5/2006	100,2877	99,9477	102,3187
15/4/2006	100,1100	99,7900	100,5400	31/5/2006	100,2900	99,9600	102,3600
16/4/2006	100,1173	99,7760	100,5760	1/6/2006	100,2753	99,9850	102,3993
17/4/2006	100,1247	99,7620	100,6120	2/6/2006	100,2607	100,0100	102,4387
18/4/2006	100,1320	99,7480	100,6480	3/6/2006	100,2460	100,0350	102,4780
19/4/2006	100,1393	99,7340	100,6840	4/6/2006	100,2313	100,0600	102,5173
20/4/2006	100,1467	99,7200	100,7200	5/6/2006	100,2167	100,0850	102,5567
21/4/2006	100,1540	99,7060	100,7560	6/6/2006	100,2020	100,1100	102,5960
22/4/2006	100,1613	99,6920	100,7920	7/6/2006	100,1873	100,1350	102,6353
23/4/2006	100,1687	99,6780	100,8280	8/6/2006	100,1727	100,1600	102,6747
24/4/2006	100,1760	99,6640	100,8640	9/6/2006	100,1580	100,1850	102,7140
25/4/2006	100,1833	99,6500	100,9000	10/6/2006	100,1433	100,2100	102,7533
26/4/2006	100,1907	99,6360	100,9360	11/6/2006	100,1287	100,2350	102,7927
27/4/2006	100,1980	99,6220	100,9720	12/6/2006	100,1140	100,2600	102,8320
28/4/2006	100,2053	99,6080	101,0080	13/6/2006	100,0993	100,2850	102,8713
29/4/2006	100,2127	99,5940	101,0440	14/6/2006	100,0847	100,3100	102,9107
30/4/2006	100,2200	99,5800	101,0800	15/6/2006	100,0700	100,3350	102,9500
1/5/2006	100,2223	99,5923	101,1213	16/6/2006	100,0553	100,3600	102,9893
2/5/2006	100,2245	99,6045	101,1626	17/6/2006	100,0407	100,3850	103,0287
3/5/2006	100,2268	99,6168	101,2039	18/6/2006	100,0260	100,4100	103,0680
4/5/2006	100,2290	99,6290	101,2452	19/6/2006	100,0113	100,4350	103,1073
5/5/2006	100,2313	99,6413	101,2865	20/6/2006	99,9967	100,4600	103,1467
6/5/2006	100,2335	99,6535	101,3277	21/6/2006	99,9820	100,4850	103,1860
7/5/2006	100,2358	99,6658	101,3690	22/6/2006	99,9673	100,5100	103,2253
8/5/2006	100,2381	99,6781	101,4103	23/6/2006	99,9527	100,5350	103,2647
9/5/2006	100,2403	99,6903	101,4516	24/6/2006	99,9380	100,5600	103,3040
10/5/2006	100,2426	99,7026	101,4929	25/6/2006	99,9233	100,5850	103,3433
11/5/2006	100,2448	99,7148	101,5342	26/6/2006	99,9087	100,6100	103,3827
12/5/2006	100,2471	99,7271	101,5755	27/6/2006	99,8940	100,6350	103,4220
13/5/2006	100,2494	99,7394	101,6168	28/6/2006	99,8793	100,6600	103,4613
14/5/2006	100,2516	99,7516	101,6581	29/6/2006	99,8647	100,6850	103,5007
15/5/2006	100,2539	99,7639	101,6994	30/6/2006	99,8500	100,7100	103,5400

Quadro 3 - Variação diária acumulada da UMC para três índices

Baseado nos índices do Quadro 3, construiu-se os quadros que constam nos apêndices de A até I, que demonstram as movimentações diárias em UMC, de cada um dos índices, demonstrando também as perdas ou ganhos ocorridos no caixa dos meses de abril, maio e junho, respectivamente.

O Quadro 4 representa a movimentação de um dia (01/04/2006), referente ao índice IPC-M. A partir deste quadro será exemplificado o cálculo realizado para transformar a movimentação ocorrida no dia em UMCs:

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
31/3/06	Saldo final do dia			R\$ 63.854,94	100,0000	638,5494
1/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 63.854,94	100,0073	0,0000
1/4/06	Pagamentos		R\$ 161,80	R\$ 63.693,14	100,0073	(1,6179)
1/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	100,0073	

Quadro 4 - Exemplo do cálculo da movimentação de caixa pelo IPC-M

O cálculo do movimento de UMC foi feito a partir da divisão do saldo final do caixa do mês de março de 2006 pela UMC 100, que foi utilizada como base, conforme exemplificado:

$$\text{Movimento UMC IPC-M do dia 31/03/06} = \frac{\text{Saldo final do dia 31/03/06}}{\text{UMC IPC-M do dia 31/03/06}}$$

Exemplo:

$$\text{Movimento UMC IPC-M do dia 31/03/06} = \frac{R\$63854,94}{100} = 638,5494$$

A partir do primeiro dia do mês de abril de 2006, toda e qualquer movimentação ocorrida no caixa foi transformada em UMC pela divisão do valor movimentado pela UMC de cada índice do respectivo dia do débito ou crédito, como segue:

$$\text{Movimento UMC IPC-M do dia 01/04/06} = \frac{\text{Pagamentos do dia 01/04/06}}{\text{UMC IPC-M do dia 01/04/06}}$$

Exemplo:

$$\text{Movimento UMC IPC-M do dia 01/04/06} = \frac{R\$161,80}{100,0073} = 1,6179$$

A partir dos dados contidos no quadro do apêndice A, foi construído o Quadro 5, que representa o resumo da movimentação do mês de abril de 2006, referente ao índice IPC-M.

Saldo que deveria Existir em UMCs (Abril)	141,1392
Saldo Existente em UMCs (Abril)	140,2904
Perda de Caixa em UMC (Abril)	(0,8488)
Perda de Caixa em R\$ (Abril)	(R\$ 85,07)

Quadro 5 - Resumo da movimentação de caixa no mês de abril com o índice IPC-M

No final de cada mês foi feito um somatório dos valores referentes à movimentação de UMCs de todo o mês, sendo que este cálculo foi feito para os três índices. Somatório este que foi chamado de Saldo Que Deveria Existir (SQDE), que representa o saldo final do mês em referência, após a movimentação de caixa em moeda forte, isto é, atualizada pela UMC.

$$\text{Saldo que deveria existir em UMCs IPC-M mês de abril de 2006} = \left(\sum \text{recebimentos em UMCs IPC-M} \right) - \left(\sum \text{pagamentos em UMCs IPC-M} \right)$$

Exemplo:

$$\begin{aligned} \text{Saldo que deveria existir em UMCs IPC-M mês de abril de 2006} = & \\ & \left(\begin{aligned} & 143,9683 + 374,5715 + 249,9084 + 373,3357 + 250,8690 + 6,4494 + 575,3172 + \\ & 29,9758 + 68,5261 + 313,0406 + 243,3263 + 35,5109 + 15,4019 + 70,0272 + 485,7793 + \\ & 496,9403 + 406,7373 + 24,9616 + 0,4411 + 55,3271 + 410,8333 + 27,3794 + 31,5227 + \\ & 519,3253 + 41,1241 \end{aligned} \right) - \left(\begin{aligned} & 1,6179 + 228,5813 + 835,9448 + 65,0501 + 73,8804 + 6949,8724 + 0,1824 + \\ & 82,6025 + 148,4340 + 59,1854 + 430,7380 + 288,2558 + 1,5106 + 1,2450 + 491,4487 + \\ & 407,2485 + 360,4083 + 344,8526 + 0,1495 + 99,4811 + 3,922172 + 32,1526 + 35,5034 + \\ & 2,022933 + 5,5987 + 514,5550 \end{aligned} \right) = 141,1392 \end{aligned}$$

Também foi calculado em UMCs o Saldo Existente (SE), que é o saldo final do caixa pela movimentação em reais, sem levar em consideração índices de atualização, é o valor que realmente existe no caixa, obtido pela divisão do saldo do último dia do mês pela UMC acumulada até o final do mesmo mês.

$$\text{Saldo Existente em UMCs IPC-M em } 30/04/06 = \frac{\text{Saldo final do dia } 30/04/06}{\text{UMC IPC-M do dia } 30/04/06}$$

Exemplo:

$$\text{Saldo Existente em UMCs IPC-M em } 30/04/06 = \frac{R\$ 14059,90}{100,2200} = 140,2904$$

A partir dos valores obtidos de Saldo Existente (SE) e de Saldo Que Deveria Existir (SQDE), foi feita uma subtração do primeiro pelo segundo, onde foi obtido o valor referente ao ganho ou à perda de caixa em UMCs do respectivo mês.

$$\text{Perda de caixa em UMC IPC-M em } 04/06 = SE - SQDE$$

Exemplo:

$$\text{Perda de caixa em UMC IPC-M em } 04/06 = 140,2904 - 141,1392 = -0,8488$$

Para transformar este valor em Reais multiplicou-se a diferença encontrada pela UMC do último dia do mês.

$$\text{Perda de caixa em Reais em } 04/06 = (SE - SQDE) \times \text{UMC IPC-M dia } 30/04/06$$

Exemplo:

$$\text{Perda de caixa em Reais em } 04/06 = (140,2904 - 141,1392) \times 100,2200 = -R\$85,07$$

No final dos três meses foi calculado o saldo que deveria existir e o saldo existente acumulados do trimestre, obtidos da mesma forma utilizada para o cálculo

mensal, ou seja, somando toda a movimentação ocorrida, em UMCs, nos meses de abril, maio e junho de 2006 referente aos recebimentos e subtraindo da soma da movimentação ocorrida, em UMCs referente aos pagamentos ocorridos nos três meses, conforme apresentado pelo Quadro 6, que representa a movimentação de caixa acumulada no segundo trimestre de 2006.

Em função da extensão necessária para a apresentação dos cálculos da movimentação de caixa acumulada, relativos ao segundo trimestre de 2006, é apresentado no Quadro 6 apenas um resumo dos resultados obtidos. Observa-se que os demonstrativos completos encontram-se nos Apêndices de A até I.

	Movimento UMC IPC-M	Movimento UMC IGP-M	Movimento UMC Selic
Saldo que deveria Existir	149,5146	149,6391	155,0427
Saldo Existente	149,4963	148,2197	144,1685
Perda de Caixa em UMC	(0,0183)	(1,4194)	(10,8741)
Perda de Caixa em R\$	(R\$ 1,82)	(R\$ 142,95)	(R\$ 1.125,91)

Quadro 6 - Movimentação de caixa acumulada no 2º trimestre de 2006

Pode-se perceber, analisando o Quadro 6, a grande diferença obtida pela utilização dos diferentes índices na perda do trimestre, calculando-se pelo IPC-M obteve-se uma perda de R\$1,82, pelo IGP-M a perda foi de R\$142,95 e já pela Selic a perda foi de R\$1.125,91.

Levando em consideração a grande disparidade apresentada pela utilização dos diferentes índices, fica ainda mais evidente que a empresa deve escolher o índice que mais se adapta à realidade da empresa, como por exemplo uma empresa que se utiliza frequentemente de empréstimos bancários deve trabalhar com a Selic, uma vez que este é o índice utilizado para o cálculo das taxas de juros bancários.

Para que fosse possível a criação de um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa corrigido pela inflação com a utilização de diferentes índices, tornou-se necessário, a partir das movimentações ocorridas na empresa ZET Cia. Ltda. no 2º trimestre de 2006, apresentadas pelos apêndices de A até I, a demonstração analítica dos pagamentos e recebimentos ocorridos neste período, encontrada no apêndice J.

A necessidade do desdobramento da movimentação financeira deve-se ao fato de que para montar um demonstrativo de fluxo de caixa é fundamental separar

as contas em entradas e saídas de recursos, ou melhor, aplicações e origens de recursos financeiros.

O Quadro 7 representa a movimentação analítica ocorrida no dia 03/04/2006, e é a partir dela que será desenvolvido o exemplo dos cálculos efetuados para a transformação da movimentação em moeda para UMCs no índice IPC-M.

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
2/4/2006	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	100,0147	636,8380
3/4/2006	Rcbtos Clientes	R\$ 8.150,00		R\$ 71.843,14	100,0220	81,4821
3/4/2006	Vendas à Vista	R\$ 6.250,00		R\$ 78.093,14	100,0220	62,4863
3/4/2006	Pgtos Emprést. LP		(R\$ 3.200,00)	R\$ 74.893,14	100,0220	(31,9930)
3/4/2006	Compras à Vista		(R\$ 9.063,16)	R\$ 65.829,98	100,0220	(90,6117)
3/4/2006	Pgtos Dividendos		(R\$ 8.600,00)	R\$ 57.229,98	100,0220	(85,9811)
3/4/2006	Pgtos Fornecedores		(R\$ 2.000,00)	R\$ 55.229,98	100,0220	(19,9956)
3/4/2006	Saldo final do dia			R\$ 55.229,98	100,0220	552,1783

Quadro 7 - Exemplo do cálculo da movimentação analítica pelo IPC-M

Cada fato ocorrido no caixa foi transformado em UMC referente a cada um dos índices utilizados para servir de base ao modelo proposto, exemplificado pelo recebimento do dia 03/04/2006, atualizado pelo IPC-M, que foi a primeira movimentação ocorrida nesta data.

$\text{Movimento UMC IPC-M do dia 03/04/06} = \frac{\text{Recebimento Clientes dia 03/04/06}}{\text{UMC IPC-M do dia 03/04/06}}$
--

Exemplo:

$$\text{Movimento UMC IPC-M do dia 03/04/06} = \frac{R\$ 8.150,00}{100,0220} = 81,4821$$

No apêndice J, foram demonstradas diariamente as movimentações ocorridas no caixa da empresa ZET Cia. Ltda., que tem por característica a grande movimentação financeira, como já foi citado anteriormente. As principais movimentações ocorridas são recebimentos de clientes e de duplicatas e pagamento de fornecedores e despesas em geral.

Com base no razão analítico apresentado no apêndice J, tornou-se possível o desenvolvimento de um modelo de fluxo de caixa corrigido pelas UMCs de três diferentes índices, que são IPC-M, IGP-M e Selic.

Inicialmente, a movimentação do caixa foi agrupada em origens e aplicações e posteriormente, nas devidas contas, com valores em reais, a movimentação em UMCs e o saldo que deveria existir em reais atualizado pelos índices, conforme é apresentado no Quadro 8, apenas referente ao IPC-M.

Origens		R\$	Movimentação UMCs - IPC-M	SQDE R\$ IPC-M
<i>Caixa Gerado Pelas Operações</i>				
	Recebimentos de Vendas	R\$ 366.434,51	3660,6130	R\$ 366.866,63
	Recebimentos de Vendas de Imobilizado	R\$ 64.905,00	648,6064	R\$ 65.003,33
	Resgate de Aplicações Financeiras	R\$ 94.302,51	941,3804	R\$ 94.345,14
	(-) Pagamentos de Compras	(R\$ 218.912,02)	(2187,1221)	(R\$ 219.193,38)
	(-) Pagamentos de Despesas	(R\$ 82.860,12)	(827,8695)	(R\$ 82.969,08)
	(-) Perda no Caixa	R\$ 0,00	(0,8488)	(R\$ 85,07)
	Total das Origens	R\$ 223.869,88	2234,7593	R\$ 223.967,58
Aplicações				
	Pagamentos de Empréstimos LP	(R\$ 3.200,00)	(31,9930)	(R\$ 3.206,33)
	Pagamentos de Dividendos	(R\$ 8.600,00)	(85,9811)	(R\$ 8.617,02)
	Aquisição de Imobilizado	(R\$ 127.208,09)	(1270,2923)	(R\$ 127.308,69)
	Aplicações Financeiras	(R\$ 134.656,83)	(1344,7520)	(R\$ 134.771,05)
	Total das Aplicações	(R\$ 273.664,92)	(2733,0184)	(R\$ 273.903,10)
	<i>Redução das Disponibilidades</i>	(R\$ 49.795,04)	(498,2590)	(R\$ 49.935,52)

Quadro 8 – Exemplo das origens e aplicações em Reais e UMC pelo índice IPC-M

Foram somados, para cada conta, todos os valores respectivos aos acontecimentos ocorridos no mês de referência, tanto em Reais, como em UMCs, valores estes que constam no Apêndice J.

Os cálculos demonstrados são referentes ao mês de abril de 2006, pelo índice IPC-M, sendo que foi escolhida apenas a conta de recebimentos de vendas de imobilizado para exemplificação. Primeiramente foi demonstrado o cálculo para o valor em reais e posteriormente o cálculo em UMCs.

<p><i>Recebimentos de vendas de imobilizado em Reais mês de abril de 2006 =</i></p> $\left(\sum \text{recebimentos de vendas de imobilizado em Reais no mês de abril de 2006} \right)$

Exemplo:

$$\begin{aligned} \text{Recebimentos de vendas de imobilizado em Reais mês de abril de 2006} &= \\ (R\$37.350,00 + R\$20.000,00 + R\$3.555,00 + R\$4.000,00) &= R\$64.905,00 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \text{Recebimentos de vendas de imobilizado em UMCs IPC-M mês de abril de 2006} &= \\ \left(\sum \text{recebimentos de vendas de imobilizado em UMCs IPC-M no mês de abril de 2006} \right) & \end{aligned}$$

Exemplo:

$$\begin{aligned} \text{Recebimentos de vendas de imobilizado em UMC IPC-M mês de abril de 2006} &= \\ (373,3357 + 199,8095 + 35,5109 + 39,9502) &= 648,6064 \end{aligned}$$

A partir da quantidade de UMCs que foi gerada através desta soma, foi obtido o valor em Reais atualizado pela UMC do último dia do mês de referência. Este procedimento foi aplicado aos três índices utilizados, na demonstração de fluxo de caixa dos meses de abril, maio e junho de 2006 e também na demonstração trimestral.

$$\text{SQDE em R\$ abril/06} = \left(\begin{array}{l} \text{Soma da movimentação} \\ \text{recebimentos de clientes} \\ \text{do mês 04/06 em UMC} \end{array} \right) \times \text{UMC IPC-M dia 30/04/06}$$

Exemplo:

$$\text{SQDE em R\$ pelo IPC-M em abril de 2006} = (648,6064) \times 100,2200 = R\$ 65.003,33$$

O cálculo da perda ou do ganho de caixa foi realizado da seguinte maneira: divisão do saldo em Reais do último dia do mês pela UMC da mesma data,

reduzindo do valor encontrado a soma das movimentações em UMC para determinado índice.

$$Perda\ de\ caixa\ em\ UMC\ IPC - M\ abril / 06 = \left(\frac{Saldo\ em\ R\$ \ do\ caixa\ 30/04/06}{UMC\ IPC - M\ de\ 30/04/06} \right) - \left(Saldo\ que\ deveria\ existir\ em\ UMCs\ IPC - M\ mês\ de\ abril / 06 \right)$$

Exemplo:

$$Perda\ de\ caixa\ em\ UMC\ IPC - M\ abril / 06 = \left(\frac{R\$14.059,90}{100,2200} \right) - (141,1392) = -0,8488$$

Para encontrar o valor em reais da perda de caixa, é necessário que se multiplique a perda de caixa em UMCs calculada conforme demonstrado anteriormente, pela UMC do último dia do mês em questão, conforme segue demonstração do cálculo:

$$Perda\ de\ caixa\ em\ Reais\ abril / 06 = \left(Perda\ de\ caixa\ em\ UMC\ IPC - M\ abril / 06 \right) \times \left(UMC\ IPC - M\ 30/04/06 \right)$$

Exemplo:

$$Perda\ de\ caixa\ em\ Reais\ abril / 06 = (-0,8488) \times (100,2200) = R\$85,07$$

A redução de disponibilidades é calculada pela diferença do total das aplicações pelo total das origens. O saldo final de caixa do mês é obtido pela subtração do saldo final do mês anterior pela redução das disponibilidades.

$$Redução\ de\ Disponibilidades = Total\ aplicações\ abril / 06 - Total\ origens\ abril / 06$$

Exemplo:

$$\text{Redução de Disponibilidades} = R\$223.869,88 - R\$273.664,92 = -R\$49.795,04$$

O Quadro 9 representa a conciliação, que é a verificação do saldo final existente em caixa, efetuada na DFC, sendo que é obtida através da diferença entre o saldo final do mês anterior e a redução das disponibilidades, conforme exemplo referente ao mês de abril pelo índice IPC-M.

	R\$	Movimentação UMCs - IPC-M	SQDE R\$ IPC-M
Conciliação			
Saldo de Caixa e Bancos em 31/3/2006	R\$ 63.854,94	638,5494	R\$ 63.995,42
(-) Redução das Disponibilidades	(R\$ 49.795,04)	(498,2590)	(R\$ 49.935,52)
Saldo de Caixa e Bancos em 30/4/2006	R\$ 14.059,90	140,2904	R\$ 14.059,90

Quadro 9 – Exemplo de conciliação na DFC em Reais e UMC pelo índice IPC-M

Saldo de Caixa e bancos em 30/04/06 =

Saldo de caixa e bancos em 31/3/06 – Redução das Disponibilidades

Exemplo:

$$\text{Saldo de caixa e bancos em 30/04/06} = R\$63.854,94 - R\$49.795,04 = R\$14.059,90$$

Os Quadros 8 e 9 e seus respectivos cálculos estão dispostos de forma a exemplificar e demonstrar de maneira didática como foi construído o modelo de demonstrativo de fluxo de caixa em moeda de poder aquisitivo constante, para otimização da gestão de disponibilidades em ambiente inflacionário, representado pelos Quadros 10, 11 e 12, conforme segue:

OBS: Ver planilha DFC- Abril no arquivo Fluxo de Caixa.xls

OBS: Ver planilha DFC- Maio no arquivo Fluxo de Caixa.xls

OBS: Ver planilha DFC- Junho no arquivo Fluxo de Caixa.xls

Estes quadros, que representam os meses de abril, maio e junho de 2006 respectivamente, apresentam o modelo de demonstração de fluxo de caixa pelo método direto, atualizado por três diferentes índices de inflação, sendo eles IGP-M, IPC-M e Selic, onde torna-se possível a visualização da perda ou ganho de caixa ocorrida no período e também a comparação dos resultados encontrados pela utilização destes índices, possibilitando ao gestor da empresa a escolha de uma alternativa que melhor se adapta às necessidades gerenciais da organização.

O Quadro 13 mostra a perda obtida no 2º trimestre de 2006, sendo que o demonstrativo foi elaborado da mesma forma que nos Quadros 10, 11 e 12.

OBS: Ver planilha DFC- Trimestral no arquivo Fluxo de Caixa.xls

Este modelo de demonstração de fluxo de caixa corrigido, objetivo geral da pesquisa, possibilitou a visualização da perda de caixa causada pela inflação no segundo trimestre de 2006, na empresa ZET Cia. Ltda. A partir desta visualização, o gestor terá melhores condições de tomada de decisão e terá em mãos uma ferramenta que permitirá a otimização dos resultados obtidos na empresa.

5 CONCLUSÃO

A identificação das necessidades ou sobras de caixa transformou o demonstrativo de fluxo de caixa em um dos importantes instrumentos para o gestor financeiro da empresa. Este demonstrativo torna-se ainda mais importante quando utilizado em um ambiente inflacionário, onde os valores parados em caixa podem ser diretamente impactados pelas variações causadas pela inflação, por menores que elas pareçam.

Foi possível constatar que o fluxo de caixa atualizado pela correção monetária integral é um instrumento que permite demonstrar e estimar as flutuações causadas pela inflação no capital movimentado no caixa, facilitando a análise e decisão quanto aos recursos financeiros, bem como utilizar as disponibilidades da melhor forma, afim de não sofrer grandes perdas.

Neste contexto, o fluxo de caixa corrigido foi trabalhado como uma ferramenta de gestão financeira para atender aos objetivos de uma empresa possibilitando um planejamento e controle financeiro, abrindo um leque de oportunidades para serem estudadas.

O fluxo de caixa corrigido pelos índices demonstrou à empresa ZET Cia. Ltda. que independentemente de uma inflação aparentemente baixa, manter capital ocioso em caixa pode gerar desvalorização da moeda, gerando perdas para a empresa.

Ao projetar o demonstrativo de fluxo de caixa corrigido, foram separados as origens e as aplicações de recursos financeiros. Com isso, obteve-se a facilidade de trabalhar a movimentação do caixa por itens agrupados conforme sua natureza e corrigidos pelos índices históricos.

Constatou-se, na aplicação dos demonstrativos de fluxo de caixa corrigido pelos índices IPC-M, IGP-M e Selic, na movimentação de caixa da empresa ZET Cia. Ltda., que os resultados obtidos pela utilização destes são discrepantes, pois cada índice é composto por variáveis diferentes. Sendo assim, cada empresa deve analisar qual o índice que mais se adapta ao seu setor ou suas características próprias. No caso da empresa Zet Cia. Ltda. o índice mais apropriado a ser utilizado é o IGP-M, visto a empresa apresentar bases utilizadas no cálculo do índice, além do fato da empresa não possuir um valor considerável em empréstimos e financiamentos (caso possuísse, o índice mais adequado seria a Selic).

Os objetivos específicos deste trabalho foram alcançados, pois foi desenvolvida a revisão bibliográfica sobre os temas envolvidos nesta pesquisa e elaborado um caso hipotético, que possibilitou o desenvolvimento de um modelo de demonstrativo de fluxo de caixa em moeda de poder aquisitivo constante, onde foi identificado, por meio da correção monetária integral, os ajustes ocorridos nas disponibilidades pelo impacto inflacionário, de modo a demonstrar a importância do uso deste demonstrativo para as empresas, que é auxiliar no gerenciamento dos recursos, servindo como uma importante ferramenta na tomada de decisões.

Deste modo, o objetivo geral deste trabalho, que foi propor um modelo para o uso do demonstrativo de fluxo de caixa incorporado à correção monetária integral, também foi alcançado, uma vez que o modelo foi desenvolvido e aplicado na empresa ZET Cia. Ltda., onde tornou-se possível a demonstração dos resultados encontrados e a confirmação de que a tese inicialmente proposta é válida.

Concluiu-se que o demonstrativo de fluxo de caixa corrigido pelos índices, sob a ótica empresarial, é um ótimo instrumento de gerenciamento financeiro para a tomada de decisões, uma vez que todas as operações ocorridas no caixa têm implicações econômico-financeiras, e ajuda a empresa a planejar e controlar o valor que deve ser mantido em caixa para liquidação das operações, de modo que este valor não venha a ficar parado e sofrer desvalorizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA NOVOS TRABALHOS

Com o desenvolvimento deste trabalho surgiu a questão de quais as alternativas mais viáveis a serem aplicadas com relação ao excedente de capital que fica exposto à desvalorização da moeda quando parado no caixa. Algumas alternativas foram previamente criadas, como por exemplo o investimento destes recursos em algum tipo de aplicação financeira, como poupança, CDB e Fundos.

Em uma análise inicial, percebeu-se que nem sempre estes investimentos são vantajosos a curto prazo, pois muitos deles possuem taxas de carregamento, taxa de administração, CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira), IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), entre outros, logo seu rendimento não cobriria seu custo.

Devido a extensão do objeto da pesquisa deste trabalho tornou-se inviável uma abordagem a respeito das alternativas a serem utilizadas para suprir ou minimizar as perdas sofridas no caixa. Torna-se oportuno, então, a sugestão de que este tema venha ser aprofundado em próximas pesquisas.

Outro tema que necessita de aprofundamento é o que diz respeito à utilização dos índices nas empresas. Cabe salientar a possibilidade de pesquisas no desenvolvimento de índices internos de inflação para as empresas, de modo que as distorções advindas dos diversos índices econômicos disponíveis no mercado sejam minimizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Roberto Alexandre E. A capacidade informativa da Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos (DOAR) e da Demonstração de Fluxos de Caixa (DFC). **Revista Brasileira Contabilidade**. Volume 28, n. 117, maio/junho 1999.

ARCHER. S. H.; D'AMBROSIO, C. A. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1971.

ASSAF NETO, Alexandre, SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 1995.

ASSAF NETO, Alexandre. A dinâmica das decisões financeiras. **Caderno de estudos**. FIPECAFI, São Paulo: USP, v. 9, n. 16, jul./dez. 1997.

BANGS, JR., David H. **Guia de controle de fluxo de caixa**: métodos para compreender e controlar o problema número um da pequena empresa. Tradução: Claudio Costa – Rio de Janeiro: Infobook, 1995.

BERTOLO, Luis Antonio. Inflação. **Bertolo.pro**, Catanduva, SP. Disponível em: <<http://www.bertolo.pro.br/AdminFin/HTML/INFLACAO.htm>>. Acesso em 19 jan. 2006.

BRAGA, Roberto. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1994.

CAMPOS FILHO, Ademar. **Fluxo de caixa em moeda forte**: análise, decisão e controle. São Paulo: Atlas, 1993.

CAMPOS FILHO, Ademar. **Demonstração dos fluxos de caixa**: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa. 2 ed. São Paulo: Atlas..1997.

COLOMBINI, Letícia. **Caixa na real**: apostar numa micro ou pequena empresa pode ser uma ótima, desde que você saiba exatamente como elas funcionam. **Você S.A** , v.5, n.46. São Paulo, abril/2002.

FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FALCINI, Primo. Avaliação Econômica de Empresas. São Paulo: Atlas, 1992.

FAMÁ, Rubens. **Retorno sobre o investimento**: sua utilização no Brasil, face à inflação e à evolução da legislação sobre a correção monetária nos demonstrativos financeiros.1980 Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**: Nova ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, F.M.R. & FERREIRA, T.P. Os Preços Administrados e a Inflação no Brasil. **Banco Central do Brasil Working Paper Series**, Brasília, n. 59, dezembro 2002.

FLEURIET, Michel et al. **A Dinâmica Financeira das Empresas Brasileiras**. Belo Horizonte: Fundação Dom Cabral, 1978.

FREZATTI, Fábio. **Gestão do fluxo de caixa diário**: como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio. São Paulo: Atlas, 1997.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **DGD – Divisão de Gestão de Dados**. Disponível em: <http://www2.fgv.br/dgd/asp/dsp_IGP.asp> Acesso em 23/07/2006.

GABRIEL, Fabiano. **O impacto do fim da correção monetária na rentabilidade e adequação de capital dos bancos no Brasil**. Itabaia – SP, 2004. Disponível em <<http://www4.bcb.gov.br/pre/inscricaoContaB/trabalhos/oimpactodofimdacorreçãomonetárianarentabilidadeeadequaçãodecapitaldosbancosnoBrasil>> Acesso em 21/01/2006.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra, 1997.

GRZYBOVSKI, Denize e TEDESCO, João Carlos (organizadores) **Empresa familiar**: tendências e racionalidades em conflito. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/microempresa/default.shtm>> Acesso em 8 dez. 2005.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balanços**: análise da liquidez e do endividamento, análise do giro, rentabilidade e alavancagem financeira. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, Sérgio de e MARION, José Carlos. **Curso de contabilidade para não contadores**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

KASSAI, Silvia. **As empresas de pequeno porte e a contabilidade**. São Paulo, Departamento de Contab. SEA – USP, Dissertação de mestrado, 1996.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LONGO, Luci. Modelos contábeis para o gerenciamento das micro-empresas e as empresas de pequeno porte. **Revista do CRCPR**. Curitiba, ano 26, n 129, p. 44-54, 1º quadrimestre. 2000.

LUFT, Celso Pedro. **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1984.

MALUCHE, Maria Aparecida. **Modelo de Controle de gestão para a pequena empresa como garantia da qualidade**. Florianópolis: UFSC, 2000. Dissertação (mestrado em Engenharia da Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

MACEDO, Ricardo Kohn de. **Modelo básico de gestão organizacional**. RKMacedo, Rio de Janeiro, 24 mar. 2002. Disponível em: <http://www.rkmacedo.com.br/Artigos/modelo_gestao_ambiental.htm>. Acesso em: 23/01/2006.

MARTINS, **Gilberto de Andrade**. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços – Abordagem básica e gerencial**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOSIMANN, Clara Pellegrinello. ALVES, Osmar de Carvalho. FISCH, Silvio. **Controladoria: seu papel na administração de empresas**. Florianópolis: UFSC, Fundação ESAG, 1993.

RESNIK, Paul. **A bíblia da pequena empresa**. São Paulo: McGraw-Hill, Makron Books, 1990.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JAFFE, Jeffrey F. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1995.

SÁ, Antônio Lopes de. **Informação e explicação: informática e contabilidade**. Revista Brasileira de Contabilidade. Ano XXVII, nº 113, Setembro/Outubro de 1998.

SANVICENTE. Antonio Zoratto, e SANTOS, Celso da Costa. **Orçamento na administração de empresas**. São Paulo; Atlas, 2000.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE.. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em: 06 mar.2006.

SILVA, C.A.T; SANTOS, J.O. ; OGAWA, J.S. **Fluxo de caixa e DOAR**. Caderno de estudos. FIPECAFI, São Paulo, n.9, out.1993

SOUZA, Luiz Carlos de. Pequenas empresas se utilizam muito pouco de relatórios gerenciais. **Revista do CRCPR**. Curitiba, ano 26, n. 129, p. 27-30, 1º quadrimestre, 2001.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS – UCPEL. Disponível em: <<http://atlas.ucpel.tche.br/~glemarti/inflacao.htm>>. Acesso em: 17 agos.2006.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Infla%C3%A7%C3%A3o&oldid=2784270>>. Acesso em: 3 Junho de 2006

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa**: uma decisão de planejamento e controle financeiros. 7. ed. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Movimentação de caixa: mês de abril de 2006 pelo índice IPC-M

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
31/3/06	Saldo final do dia			R\$ 63.854,94	100,0000	638,5494
1/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 63.854,94	100,0073	0,0000
1/4/06	Pagamentos		R\$ 161,80	R\$ 63.693,14	100,0073	(1,6179)
1/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	100,0073	
2/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	100,0147	
3/4/06	Recebimentos	R\$ 14.400,00		R\$ 78.093,14	100,0220	143,9683
3/4/06	Pagamentos		R\$ 22.863,16	R\$ 55.229,98	100,0220	(228,5813)
3/4/06	Saldo final do dia			R\$ 55.229,98	100,0220	
4/4/06	Recebimentos	R\$ 37.468,14		R\$ 92.698,12	100,0293	374,5715
4/4/06	Pagamentos		R\$ 83.619,00	R\$ 9.079,12	100,0293	(835,9448)
4/4/06	Saldo final do dia			R\$ 9.079,12	100,0293	
5/4/06	Recebimentos	R\$ 25.000,00		R\$ 34.079,12	100,0367	249,9084
5/4/06	Pagamentos		R\$ 6.507,40	R\$ 27.571,72	100,0367	(65,0501)
5/4/06	Saldo final do dia			R\$ 27.571,72	100,0367	
6/4/06	Recebimentos	R\$ 37.350,00		R\$ 64.921,72	100,0440	373,3357
6/4/06	Pagamentos		R\$ 7.391,29	R\$ 57.530,43	100,0440	(73,8804)
6/4/06	Saldo final do dia			R\$ 57.530,43	100,0440	
7/4/06	Recebimentos	R\$ 25.099,78		R\$ 82.630,21	100,0513	250,8690
7/4/06	Pagamentos		R\$ 65.020,60	R\$ 17.609,61	100,0513	(649,8724)
7/4/06	Saldo final do dia			R\$ 17.609,61	100,0513	
8/4/06	Recebimentos	R\$ 645,32		R\$ 18.254,93	100,0587	6,4494
8/4/06	Pagamentos		R\$ 18,25	R\$ 18.236,68	100,0587	(0,1824)
8/4/06	Saldo final do dia			R\$ 18.236,68	100,0587	
9/4/06	Saldo final do dia			R\$ 18.236,68	100,0660	
10/4/06	Recebimentos	R\$ 57.573,91		R\$ 75.810,59	100,0733	575,3172
10/4/06	Pagamentos		R\$ 8.266,31	R\$ 67.544,28	100,0733	(82,6025)
10/4/06	Saldo final do dia			R\$ 67.544,28	100,0733	
11/4/06	Recebimentos	R\$ 3.000,00		R\$ 70.544,28	100,0807	29,9758
11/4/06	Pagamentos		R\$ 14.855,37	R\$ 55.688,91	100,0807	(148,4340)
11/4/06	Saldo final do dia			R\$ 55.688,91	100,0807	
12/4/06	Recebimentos	R\$ 6.858,64		R\$ 62.547,55	100,0880	68,5261
12/4/06	Pagamentos		R\$ 5.923,75	R\$ 56.623,80	100,0880	(59,1854)
12/4/06	Saldo final do dia			R\$ 56.623,80	100,0880	
13/4/06	Recebimentos	R\$ 31.333,90		R\$ 87.957,70	100,0953	313,0406
13/4/06	Pagamentos		R\$ 43.114,86	R\$ 44.842,84	100,0953	(430,7380)
13/4/06	Saldo final do dia			R\$ 44.842,84	100,0953	
14/4/06	Recebimentos	R\$ 24.357,61		R\$ 69.200,45	100,1027	243,3263
14/4/06	Pagamentos		R\$ 28.855,17	R\$ 40.345,28	100,1027	(288,2558)
14/4/06	Saldo final do dia			R\$ 40.345,28	100,1027	
15/4/06	Recebimentos	R\$ 3.555,00		R\$ 43.900,28	100,1100	35,5109
15/4/06	Pagamentos		R\$ 151,23	R\$ 43.749,05	100,1100	(1,5106)
15/4/06	Saldo final do dia			R\$ 43.749,05	100,1100	
16/4/06	Recebimentos	R\$ 1.542,00		R\$ 45.291,05	100,1173	15,4019
16/4/06	Pagamentos		R\$ 124,65	R\$ 45.166,40	100,1173	(1,2450)
16/4/06	Saldo final do dia			R\$ 45.166,40	100,1173	

17/4/06	Recebimentos	R\$ 7.011,45		R\$ 52.177,85	100,1247	70,0272
17/4/06	Pagamentos		R\$ 49.206,14	R\$ 2.971,71	100,1247	(491,4487)
17/4/06	Saldo final do dia			R\$ 2.971,71	100,1247	
18/4/06	Recebimentos	R\$ 48.642,05		R\$ 51.613,76	100,1320	485,7793
18/4/06	Pagamentos		R\$ 40.778,61	R\$ 10.835,15	100,1320	(407,2485)
18/4/06	Saldo final do dia			R\$ 10.835,15	100,1320	
19/4/06	Recebimentos	R\$ 49.763,27		R\$ 60.598,42	100,1393	496,9403
19/4/06	Pagamentos		R\$ 36.091,05	R\$ 24.507,37	100,1393	(360,4083)
19/4/06	Saldo final do dia			R\$ 24.507,37	100,1393	
20/4/06	Recebimentos	R\$ 40.733,38		R\$ 65.240,75	100,1467	406,7373
20/4/06	Pagamentos		R\$ 34.535,84	R\$ 30.704,91	100,1467	(344,8526)
20/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.704,91	100,1467	
21/4/06	Recebimentos	R\$ 2.500,00		R\$ 33.204,91	100,1540	24,9616
21/4/06	Pagamentos		R\$ 15,00	R\$ 33.189,91	100,1540	(0,1498)
21/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.204,91	100,1540	
22/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.189,91	100,1613	
23/4/06	Recebimentos	R\$ 44,18		R\$ 33.234,09	100,1687	0,4411
23/4/06	Pagamentos		R\$ 0,00	R\$ 33.234,09	100,1687	0,0000
23/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.234,09	100,1687	
24/4/06	Recebimentos	R\$ 5.542,45		R\$ 38.776,54	100,1760	55,3271
24/4/06	Pagamentos		R\$ 9.965,62	R\$ 28.810,92	100,1760	(99,4811)
24/4/06	Saldo final do dia			R\$ 28.810,92	100,1760	
25/4/06	Recebimentos	R\$ 41.158,65		R\$ 69.969,57	100,1833	410,8333
25/4/06	Pagamentos		R\$ 39.293,63	R\$ 30.675,94	100,1833	(392,2172)
25/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.675,94	100,1833	
26/4/06	Recebimentos	R\$ 2.743,16		R\$ 33.419,10	100,1907	27,3794
26/4/06	Pagamentos		R\$ 3.221,39	R\$ 30.197,71	100,1907	(32,1526)
26/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.197,71	100,1907	
27/4/06	Recebimentos	R\$ 3.158,51		R\$ 33.356,22	100,1980	31,5227
27/4/06	Pagamentos		R\$ 3.557,37	R\$ 29.798,85	100,1980	(35,5034)
27/4/06	Saldo final do dia			R\$ 29.798,85	100,1980	
28/4/06	Recebimentos	R\$ 52.039,16		R\$ 81.838,01	100,2053	519,3253
28/4/06	Pagamentos		R\$ 20.270,87	R\$ 61.567,14	100,2053	(202,2933)
28/4/06	Saldo final do dia			R\$ 61.567,14	100,2053	
29/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 61.567,14	100,2127	0,0000
29/4/06	Pagamentos		R\$ 60,00	R\$ 61.507,14	100,2127	(0,5987)
29/4/06	Saldo final do dia			R\$ 61.507,14	100,2127	
30/4/06	Recebimentos	R\$ 4.121,46		R\$ 65.628,60	100,2200	41,1241
30/4/06	Pagamentos		R\$ 51.568,70	R\$ 14.059,90	100,2200	(514,5550)
30/4/06	Saldo final do dia			R\$ 14.059,90	100,2200	
				Saldo que deveria Existir		141,1392
				Saldo Existente		140,2904
				Perda de Caixa em UMC (Abril)		(0,8488)
				Perda de Caixa em R\$ (Abril)		(R\$ 85,07)

APÊNDICE B – Movimentação de caixa: mês de abril de 2006 pelo índice IGP-M

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IGP-M	Movimento UMC IGP-M
31/3/06	Saldo final do dia			R\$ 63.854,94	100,0000	638,5494
1/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 63.854,94	99,9860	0,0000
1/4/06	Pagamentos		R\$ 161,80	R\$ 63.693,14	99,9860	(1,6182)
1/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	99,9860	
2/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	99,9720	
3/4/06	Recebimentos	R\$ 14.400,00		R\$ 78.093,14	99,9580	144,0605
3/4/06	Pagamentos		R\$ 22.863,16	R\$ 55.229,98	99,9580	(228,7277)
3/4/06	Saldo final do dia			R\$ 55.229,98	99,9580	
4/4/06	Recebimentos	R\$ 37.468,14		R\$ 92.698,12	99,9440	374,8913
4/4/06	Pagamentos		R\$ 83.619,00	R\$ 9.079,12	99,9440	(836,6585)
4/4/06	Saldo final do dia			R\$ 9.079,12	99,9440	
5/4/06	Recebimentos	R\$ 25.000,00		R\$ 34.079,12	99,9300	250,1751
5/4/06	Pagamentos		R\$ 6.507,40	R\$ 27.571,72	99,9300	(65,1196)
5/4/06	Saldo final do dia			R\$ 27.571,72	99,9300	
6/4/06	Recebimentos	R\$ 37.350,00		R\$ 64.921,72	99,9160	373,8140
6/4/06	Pagamentos		R\$ 7.391,29	R\$ 57.530,43	99,9160	(73,9750)
6/4/06	Saldo final do dia			R\$ 57.530,43	99,9160	
7/4/06	Recebimentos	R\$ 25.099,78		R\$ 82.630,21	99,9020	251,2440
7/4/06	Pagamentos		R\$ 65.020,60	R\$ 17.609,61	99,9020	(650,8438)
7/4/06	Saldo final do dia			R\$ 17.609,61	99,9020	
8/4/06	Recebimentos	R\$ 645,32		R\$ 18.254,93	99,8880	6,4604
8/4/06	Pagamentos		R\$ 18,25	R\$ 18.236,68	99,8880	(0,1827)
8/4/06	Saldo final do dia			R\$ 18.236,68	99,8880	
9/4/06	Saldo final do dia			R\$ 18.236,68	99,8740	
10/4/06	Recebimentos	R\$ 57.573,91		R\$ 75.810,59	99,8600	576,5463
10/4/06	Pagamentos		R\$ 8.266,31	R\$ 67.544,28	99,8600	(82,7790)
10/4/06	Saldo final do dia			R\$ 67.544,28	99,8600	
11/4/06	Recebimentos	R\$ 3.000,00		R\$ 70.544,28	99,8460	30,0463
11/4/06	Pagamentos		R\$ 14.855,37	R\$ 55.688,91	99,8460	(148,7828)
11/4/06	Saldo final do dia			R\$ 55.688,91	99,8460	
12/4/06	Recebimentos	R\$ 6.858,64		R\$ 62.547,55	99,8320	68,7018
12/4/06	Pagamentos		R\$ 5.923,75	R\$ 56.623,80	99,8320	(59,3372)
12/4/06	Saldo final do dia			R\$ 56.623,80	99,8320	
13/4/06	Recebimentos	R\$ 31.333,90		R\$ 87.957,70	99,8180	313,9103
13/4/06	Pagamentos		R\$ 43.114,86	R\$ 44.842,84	99,8180	(431,9347)
13/4/06	Saldo final do dia			R\$ 44.842,84	99,8180	
14/4/06	Recebimentos	R\$ 24.357,61		R\$ 69.200,45	99,8040	244,0544
14/4/06	Pagamentos		R\$ 28.855,17	R\$ 40.345,28	99,8040	(289,1184)
14/4/06	Saldo final do dia			R\$ 40.345,28	99,8040	
15/4/06	Recebimentos	R\$ 3.555,00		R\$ 43.900,28	99,7900	35,6248
15/4/06	Pagamentos		R\$ 151,23	R\$ 43.749,05	99,7900	(1,5155)
15/4/06	Saldo final do dia			R\$ 43.749,05	99,7900	
16/4/06	Recebimentos	R\$ 1.542,00		R\$ 45.291,05	99,7760	15,4546

16/4/06	Pagamentos		R\$ 124,65	R\$ 45.166,40	99,7760	(1,2493)
16/4/06	Saldo final do dia			R\$ 45.166,40	99,7760	
17/4/06	Recebimentos	R\$ 7.011,45		R\$ 52.177,85	99,7620	70,2818
17/4/06	Pagamentos		R\$ 49.206,14	R\$ 2.971,71	99,7620	(493,2353)
17/4/06	Saldo final do dia			R\$ 2.971,71	99,7620	
18/4/06	Recebimentos	R\$ 48.642,05		R\$ 51.613,76	99,7480	487,6494
18/4/06	Pagamentos		R\$ 40.778,61	R\$ 10.835,15	99,7480	(408,8163)
18/4/06	Saldo final do dia			R\$ 10.835,15	99,7480	
19/4/06	Recebimentos	R\$ 49.763,27		R\$ 60.598,42	99,7340	498,9599
19/4/06	Pagamentos		R\$ 36.091,05	R\$ 24.507,37	99,7340	(361,8731)
19/4/06	Saldo final do dia			R\$ 24.507,37	99,7340	
20/4/06	Recebimentos	R\$ 40.733,38		R\$ 65.240,75	99,7200	408,4775
20/4/06	Pagamentos		R\$ 34.535,84	R\$ 30.704,91	99,7200	(346,3281)
20/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.704,91	99,7200	
21/4/06	Recebimentos	R\$ 2.500,00		R\$ 33.204,91	99,7060	25,0737
21/4/06	Pagamentos		R\$ 15,00	R\$ 33.189,91	99,7060	(0,1504)
21/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.204,91	99,7060	
22/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.189,91	99,6920	
23/4/06	Recebimentos	R\$ 44,18		R\$ 33.234,09	99,6780	0,4432
23/4/06	Pagamentos		R\$ 0,00	R\$ 33.234,09	99,6780	0,0000
23/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.234,09	99,6780	
24/4/06	Recebimentos	R\$ 5.542,45		R\$ 38.776,54	99,6640	55,6114
24/4/06	Pagamentos		R\$ 9.965,62	R\$ 28.810,92	99,6640	(99,9922)
24/4/06	Saldo final do dia			R\$ 28.810,92	99,6640	
25/4/06	Recebimentos	R\$ 41.158,65		R\$ 69.969,57	99,6500	413,0321
25/4/06	Pagamentos		R\$ 39.293,63	R\$ 30.675,94	99,6500	(394,3164)
25/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.675,94	99,6500	
26/4/06	Recebimentos	R\$ 2.743,16		R\$ 33.419,10	99,6360	27,5318
26/4/06	Pagamentos		R\$ 3.221,39	R\$ 30.197,71	99,6360	(32,3316)
26/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.197,71	99,6360	
27/4/06	Recebimentos	R\$ 3.158,51		R\$ 33.356,22	99,6220	31,7049
27/4/06	Pagamentos		R\$ 3.557,37	R\$ 29.798,85	99,6220	(35,7087)
27/4/06	Saldo final do dia			R\$ 29.798,85	99,6220	
28/4/06	Recebimentos	R\$ 52.039,16		R\$ 81.838,01	99,6080	522,4396
28/4/06	Pagamentos		R\$ 20.270,87	R\$ 61.567,14	99,6080	(203,5064)
28/4/06	Saldo final do dia			R\$ 61.567,14	99,6080	
29/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 61.567,14	99,5940	0,0000
29/4/06	Pagamentos		R\$ 60,00	R\$ 61.507,14	99,5940	(0,6024)
29/4/06	Saldo final do dia			R\$ 61.507,14	99,5940	
30/4/06	Recebimentos	R\$ 4.121,46		R\$ 65.628,60	99,5800	41,3884
30/4/06	Pagamentos		R\$ 51.568,70	R\$ 14.059,90	99,5800	(517,8620)
30/4/06	Saldo final do dia			R\$ 14.059,90	99,5800	
Saldo que deveria Existir						139,5617
Saldo Existente						141,1920
Ganho de Caixa em UMC (Abril)						1,6303
Ganho de Caixa em R\$ (Abril)						R\$ 162,35

APÊNDICE C- Movimentação de caixa: mês de abril de 2006 pelo índice Selic

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC Selic	Movimento UMC Selic
31/3/06	Saldo final do dia			R\$ 63.854,94	100,0000	638,5494
1/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 63.854,94	100,0360	0,0000
1/4/06	Pagamentos		R\$ 161,80	R\$ 63.693,14	100,0360	(1,6174)
1/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	100,0360	
2/4/06	Saldo final do dia			R\$ 63.693,14	100,0720	
3/4/06	Recebimentos	R\$ 14.400,00		R\$ 78.093,14	100,1080	143,8446
3/4/06	Pagamentos		R\$ 22.863,16	R\$ 55.229,98	100,1080	(228,3849)
3/4/06	Saldo final do dia			R\$ 55.229,98	100,1080	
4/4/06	Recebimentos	R\$ 37.468,14		R\$ 92.698,12	100,1440	374,1426
4/4/06	Pagamentos		R\$ 83.619,00	R\$ 9.079,12	100,1440	(834,9876)
4/4/06	Saldo final do dia			R\$ 9.079,12	100,1440	
5/4/06	Recebimentos	R\$ 25.000,00		R\$ 34.079,12	100,1800	249,5508
5/4/06	Pagamentos		R\$ 6.507,40	R\$ 27.571,72	100,1800	(64,9571)
5/4/06	Saldo final do dia			R\$ 27.571,72	100,1800	
6/4/06	Recebimentos	R\$ 37.350,00		R\$ 64.921,72	100,2160	372,6950
6/4/06	Pagamentos		R\$ 7.391,29	R\$ 57.530,43	100,2160	(73,7536)
6/4/06	Saldo final do dia			R\$ 57.530,43	100,2160	
7/4/06	Recebimentos	R\$ 25.099,78		R\$ 82.630,21	100,2520	250,3669
7/4/06	Pagamentos		R\$ 65.020,60	R\$ 17.609,61	100,2520	(648,5716)
7/4/06	Saldo final do dia			R\$ 17.609,61	100,2520	
8/4/06	Recebimentos	R\$ 645,32		R\$ 18.254,93	100,2880	6,4347
8/4/06	Pagamentos		R\$ 18,25	R\$ 18.236,68	100,2880	(0,1820)
8/4/06	Saldo final do dia			R\$ 18.236,68	100,2880	
9/4/06	Saldo final do dia			R\$ 18.236,68	100,3240	
10/4/06	Recebimentos	R\$ 57.573,91		R\$ 75.810,59	100,3600	573,6739
10/4/06	Pagamentos		R\$ 8.266,31	R\$ 67.544,28	100,3600	(82,3666)
10/4/06	Saldo final do dia			R\$ 67.544,28	100,3600	
11/4/06	Recebimentos	R\$ 3.000,00		R\$ 70.544,28	100,3960	29,8817
11/4/06	Pagamentos		R\$ 14.855,37	R\$ 55.688,91	100,3960	(147,9677)
11/4/06	Saldo final do dia			R\$ 55.688,91	100,3960	
12/4/06	Recebimentos	R\$ 6.858,64		R\$ 62.547,55	100,4320	68,2914
12/4/06	Pagamentos		R\$ 5.923,75	R\$ 56.623,80	100,4320	(58,9827)
12/4/06	Saldo final do dia			R\$ 56.623,80	100,4320	
13/4/06	Recebimentos	R\$ 31.333,90		R\$ 87.957,70	100,4680	311,8794
13/4/06	Pagamentos		R\$ 43.114,86	R\$ 44.842,84	100,4680	(429,1402)
13/4/06	Saldo final do dia			R\$ 44.842,84	100,4680	
14/4/06	Recebimentos	R\$ 24.357,61		R\$ 69.200,45	100,5040	242,3546
14/4/06	Pagamentos		R\$ 28.855,17	R\$ 40.345,28	100,5040	(287,1047)
14/4/06	Saldo final do dia			R\$ 40.345,28	100,5040	
15/4/06	Recebimentos	R\$ 3.555,00		R\$ 43.900,28	100,5400	35,3591
15/4/06	Pagamentos		R\$ 151,23	R\$ 43.749,05	100,5400	(1,5042)
15/4/06	Saldo final do dia			R\$ 43.749,05	100,5400	
16/4/06	Recebimentos	R\$ 1.542,00		R\$ 45.291,05	100,5760	15,3317

16/4/06	Pagamentos		R\$ 124,65	R\$ 45.166,40	100,5760	(1,2394)
16/4/06	Saldo final do dia			R\$ 45.166,40	100,5760	
17/4/06	Recebimentos	R\$ 7.011,45		R\$ 52.177,85	100,6120	69,6880
17/4/06	Pagamentos		R\$ 49.206,14	R\$ 2.971,71	100,6120	(489,0683)
17/4/06	Saldo final do dia			R\$ 2.971,71	100,6120	
18/4/06	Recebimentos	R\$ 48.642,05		R\$ 51.613,76	100,6480	483,2888
18/4/06	Pagamentos		R\$ 40.778,61	R\$ 10.835,15	100,6480	(405,1607)
18/4/06	Saldo final do dia			R\$ 10.835,15	100,6480	
19/4/06	Recebimentos	R\$ 49.763,27		R\$ 60.598,42	100,6840	494,2520
19/4/06	Pagamentos		R\$ 36.091,05	R\$ 24.507,37	100,6840	(358,4586)
19/4/06	Saldo final do dia			R\$ 24.507,37	100,6840	
20/4/06	Recebimentos	R\$ 40.733,38		R\$ 65.240,75	100,7200	404,4220
20/4/06	Pagamentos		R\$ 34.535,84	R\$ 30.704,91	100,7200	(342,8896)
20/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.704,91	100,7200	
21/4/06	Recebimentos	R\$ 2.500,00		R\$ 33.204,91	100,7560	24,8124
21/4/06	Pagamentos		R\$ 15,00	R\$ 33.189,91	100,7560	(0,1489)
21/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.204,91	100,7560	
22/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.189,91	100,7920	
23/4/06	Recebimentos	R\$ 44,18		R\$ 33.234,09	100,8280	0,4382
23/4/06	Pagamentos		R\$ 0,00	R\$ 33.234,09	100,8280	0,0000
23/4/06	Saldo final do dia			R\$ 33.234,09	100,8280	
24/4/06	Recebimentos	R\$ 5.542,45		R\$ 38.776,54	100,8640	54,9497
24/4/06	Pagamentos		R\$ 9.965,62	R\$ 28.810,92	100,8640	(98,8025)
24/4/06	Saldo final do dia			R\$ 28.810,92	100,8640	
25/4/06	Recebimentos	R\$ 41.158,65		R\$ 69.969,57	100,9000	407,9153
25/4/06	Pagamentos		R\$ 39.293,63	R\$ 30.675,94	100,9000	(389,4314)
25/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.675,94	100,9000	
26/4/06	Recebimentos	R\$ 2.743,16		R\$ 33.419,10	100,9360	27,1772
26/4/06	Pagamentos		R\$ 3.221,39	R\$ 30.197,71	100,9360	(31,9152)
26/4/06	Saldo final do dia			R\$ 30.197,71	100,9360	
27/4/06	Recebimentos	R\$ 3.158,51		R\$ 33.356,22	100,9720	31,2810
27/4/06	Pagamentos		R\$ 3.557,37	R\$ 29.798,85	100,9720	(35,2313)
27/4/06	Saldo final do dia			R\$ 29.798,85	100,9720	
28/4/06	Recebimentos	R\$ 52.039,16		R\$ 81.838,01	101,0080	515,1984
28/4/06	Pagamentos		R\$ 20.270,87	R\$ 61.567,14	101,0080	(200,6858)
28/4/06	Saldo final do dia			R\$ 61.567,14	101,0080	
29/4/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 61.567,14	101,0440	0,0000
29/4/06	Pagamentos		R\$ 60,00	R\$ 61.507,14	101,0440	(0,5938)
29/4/06	Saldo final do dia			R\$ 61.507,14	101,0440	
30/4/06	Recebimentos	R\$ 4.121,46		R\$ 65.628,60	101,0800	40,7742
30/4/06	Pagamentos		R\$ 51.568,70	R\$ 14.059,90	101,0800	(510,1771)
30/4/06	Saldo final do dia			R\$ 14.059,90	101,0800	
				Saldo que deveria Existir		143,2302
				Saldo Existente		139,0968
				Perda de Caixa em UMC (Abril)		(4,1334)
				Perda de Caixa em R\$ (Abril)		(R\$ 417,80)

APÊNDICE D – Movimentação de caixa: mês de maio de 2006 pelo índice IPC-M

	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
30/4/06	Saldo final do dia			R\$ 14.059,90	100,2200	140,2903
1/5/06	Recebimentos	R\$ 29.928,87		R\$ 43.988,77	100,2223	298,6250
1/5/06	Pagamentos		R\$ 38.610,88	R\$ 5.377,89	100,2223	(385,2525)
1/5/06	Saldo final do dia			R\$ 5.377,89	100,2223	
2/5/06	Recebimentos	R\$ 51.093,59		R\$ 56.471,48	100,2245	509,7913
2/5/06	Pagamentos		R\$ 31.390,39	R\$ 25.081,09	100,2245	(313,2007)
2/5/06	Saldo final do dia			R\$ 25.081,09	100,2245	
3/5/06	Recebimentos	R\$ 58.467,06		R\$ 83.548,15	100,2268	583,3477
3/5/06	Pagamentos		R\$ 68.345,90	R\$ 15.202,25	100,2268	(681,9126)
3/5/06	Saldo final do dia			R\$ 15.202,25	100,2268	
4/5/06	Recebimentos	R\$ 49.033,86		R\$ 64.236,11	100,2290	489,2181
4/5/06	Pagamentos		R\$ 23.197,36	R\$ 41.038,75	100,2290	(231,4435)
4/5/06	Saldo final do dia			R\$ 41.038,75	100,2290	
5/5/06	Recebimentos	R\$ 1.852,13		R\$ 42.890,88	100,2313	18,4786
5/5/06	Pagamentos		R\$ 14.786,98	R\$ 28.103,90	100,2313	(147,5286)
5/5/06	Saldo final do dia			R\$ 28.103,90	100,2313	
6/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 28.103,90	100,2335	0,0000
6/5/06	Pagamentos		R\$ 120,06	R\$ 27.983,84	100,2335	(1,1978)
6/5/06	Saldo final do dia			R\$ 27.983,84	100,2335	
7/5/06	Recebimentos	R\$ 1.922,47		R\$ 29.906,31	100,2358	19,1795
7/5/06	Pagamentos		R\$ 5,00	R\$ 29.901,31	100,2358	(0,0499)
7/5/06	Saldo final do dia			R\$ 29.901,31	100,2358	
8/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 29.901,31	100,2381	0,0000
8/5/06	Pagamentos		R\$ 26,90	R\$ 29.874,41	100,2381	(0,2684)
8/5/06	Saldo final do dia			R\$ 29.874,41	100,2381	
9/5/06	Recebimentos	R\$ 4.140,30		R\$ 34.014,71	100,2403	41,3037
9/5/06	Pagamentos		R\$ 5.947,39	R\$ 28.067,32	100,2403	(59,3313)
9/5/06	Saldo final do dia			R\$ 28.067,32	100,2403	
10/5/06	Recebimentos	R\$ 82.413,22		R\$ 110.480,54	100,2426	822,1379
10/5/06	Pagamentos		R\$ 68.421,99	R\$ 42.058,55	100,2426	(682,5641)
10/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.058,55	100,2426	
11/5/06	Recebimentos	R\$ 46.742,09		R\$ 88.800,64	100,2448	466,2793
11/5/06	Pagamentos		R\$ 46.393,19	R\$ 42.407,45	100,2448	(462,7988)
11/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.407,45	100,2448	
12/5/06	Recebimentos	R\$ 11.236,03		R\$ 53.643,48	100,2471	112,0833
12/5/06	Pagamentos		R\$ 152,29	R\$ 53.491,19	100,2471	(1,5191)
12/5/06	Saldo final do dia			R\$ 53.491,19	100,2471	
13/5/06	Saldo final do dia			R\$ 53.491,19	100,2494	
14/5/06	Recebimentos	R\$ 8.695,21		R\$ 62.186,40	100,2516	86,7339
14/5/06	Pagamentos		R\$ 57.273,32	R\$ 4.913,08	100,2516	(571,2958)
14/5/06	Saldo final do dia			R\$ 4.913,08	100,2516	

15/5/06	Recebimentos	R\$ 36.331,97		R\$ 41.245,05	100,2539	362,3997
15/5/06	Pagamentos		R\$ 36.500,07	R\$ 4.744,98	100,2539	(364,0764)
15/5/06	Saldo final do dia			R\$ 4.744,98	100,2539	
16/5/06	Recebimentos	R\$ 64.000,00		R\$ 68.744,98	100,2561	638,3650
16/5/06	Pagamentos		R\$ 61.461,02	R\$ 7.283,96	100,2561	(613,0400)
16/5/06	Saldo final do dia			R\$ 7.283,96	100,2561	
17/5/06	Recebimentos	R\$ 98.581,20		R\$ 105.865,16	100,2584	983,2714
17/5/06	Pagamentos		R\$ 92.346,12	R\$ 13.519,04	100,2584	(921,0813)
17/5/06	Saldo final do dia			R\$ 13.519,04	100,2584	
18/5/06	Recebimentos	R\$ 32.244,06		R\$ 45.763,10	100,2606	321,6024
18/5/06	Pagamentos		R\$ 26.291,97	R\$ 19.471,13	100,2606	(262,2362)
18/5/06	Saldo final do dia			R\$ 19.471,13	100,2606	
19/5/06	Recebimentos	R\$ 38.452,17		R\$ 57.923,30	100,2629	383,5134
19/5/06	Pagamentos		R\$ 133,73	R\$ 57.789,57	100,2629	(1,3338)
19/5/06	Saldo final do dia			R\$ 57.789,57	100,2629	
20/5/06	Saldo final do dia			R\$ 57.789,57	100,2652	
21/5/06	Recebimentos	R\$ 68.941,95		R\$ 126.731,52	100,2674	687,5808
21/5/06	Pagamentos		R\$ 46.902,54	R\$ 79.828,98	100,2674	(467,7745)
21/5/06	Saldo final do dia			R\$ 79.828,98	100,2674	
22/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 79.828,98	100,2697	0,0000
22/5/06	Pagamentos		R\$ 36.712,96	R\$ 43.116,02	100,2697	(366,1422)
22/5/06	Saldo final do dia			R\$ 43.116,02	100,2697	
23/5/06	Recebimentos	R\$ 22.449,96		R\$ 65.565,98	100,2719	223,8908
23/5/06	Pagamentos		R\$ 23.178,33	R\$ 42.387,65	100,2719	(231,1547)
23/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.387,65	100,2719	
24/5/06	Recebimentos	R\$ 26.420,95		R\$ 68.808,60	100,2742	263,4870
24/5/06	Pagamentos		R\$ 36.801,90	R\$ 32.006,70	100,2742	(367,0127)
24/5/06	Saldo final do dia			R\$ 32.006,70	100,2742	
25/5/06	Recebimentos	R\$ 28.769,64		R\$ 60.776,34	100,2765	286,9033
25/5/06	Pagamentos		R\$ 26.837,89	R\$ 33.938,45	100,2765	(267,6390)
25/5/06	Saldo final do dia			R\$ 33.938,45	100,2765	
26/5/06	Recebimentos	R\$ 2.487,22		R\$ 36.425,67	100,2787	24,8031
26/5/06	Pagamentos		R\$ 0,00	R\$ 36.425,67	100,2787	0,0000
26/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.425,67	100,2787	
27/5/06	Recebimentos	R\$ 3.158,99		R\$ 39.584,66	100,2810	31,5014
27/5/06	Pagamentos		R\$ 162,70	R\$ 39.421,96	100,2810	(1,6224)
27/5/06	Saldo final do dia			R\$ 39.421,96	100,2810	
28/5/06	Recebimentos	R\$ 3.715,60		R\$ 43.137,56	100,2832	37,0511
28/5/06	Pagamentos		R\$ 7.108,79	R\$ 36.028,77	100,2832	(70,8871)
28/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	100,2832	
29/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	100,2855	
30/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	100,2877	
31/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	100,2900	
Saldo que deveria Existir						359,4743
Saldo Existente						359,2459
Perda de Caixa em UMC (Maio)						(0,2284)
Perda de Caixa em R\$ (Maio)						(R\$ 22,91)

APÊNDICE E - Movimentação de caixa: mês de maio de 2006 pelo índice IGP-M

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IGP-M	Movimento UMC IGP-M
30/4/06	Saldo final do dia			R\$ 14.059,90	99,5800	141,1920
1/5/06	Recebimentos	R\$ 29.928,87		R\$ 43.988,77	99,5923	300,5140
1/5/06	Pagamentos		R\$ 38.610,88	R\$ 5.377,89	99,5923	(387,6896)
1/5/06	Saldo final do dia			R\$ 5.377,89	99,5923	
2/5/06	Recebimentos	R\$ 51.093,59		R\$ 56.471,48	99,6045	512,9646
2/5/06	Pagamentos		R\$ 31.390,39	R\$ 25.081,09	99,6045	(315,1503)
2/5/06	Saldo final do dia			R\$ 25.081,09	99,6045	
3/5/06	Recebimentos	R\$ 58.467,06		R\$ 83.548,15	99,6168	586,9198
3/5/06	Pagamentos		R\$ 68.345,90	R\$ 15.202,25	99,6168	(686,0883)
3/5/06	Saldo final do dia			R\$ 15.202,25	99,6168	
4/5/06	Recebimentos	R\$ 49.033,86		R\$ 64.236,11	99,6290	492,1644
4/5/06	Pagamentos		R\$ 23.197,36	R\$ 41.038,75	99,6290	(232,8374)
4/5/06	Saldo final do dia			R\$ 41.038,75	99,6290	
5/5/06	Recebimentos	R\$ 1.852,13		R\$ 42.890,88	99,6413	18,5880
5/5/06	Pagamentos		R\$ 14.786,98	R\$ 28.103,90	99,6413	(148,4021)
5/5/06	Saldo final do dia			R\$ 28.103,90	99,6413	
6/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 28.103,90	99,6535	0,0000
6/5/06	Pagamentos		R\$ 120,06	R\$ 27.983,84	99,6535	(1,2048)
6/5/06	Saldo final do dia			R\$ 27.983,84	99,6535	
7/5/06	Recebimentos	R\$ 1.922,47		R\$ 29.906,31	99,6658	19,2892
7/5/06	Pagamentos		R\$ 5,00	R\$ 29.901,31	99,6658	(0,0502)
7/5/06	Saldo final do dia			R\$ 29.901,31	99,6658	
8/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 29.901,31	99,6781	0,0000
8/5/06	Pagamentos		R\$ 26,90	R\$ 29.874,41	99,6781	(0,2699)
8/5/06	Saldo final do dia			R\$ 29.874,41	99,6781	
9/5/06	Recebimentos	R\$ 4.140,30		R\$ 34.014,71	99,6903	41,5316
9/5/06	Pagamentos		R\$ 5.947,39	R\$ 28.067,32	99,6903	(59,6586)
9/5/06	Saldo final do dia			R\$ 28.067,32	99,6903	
10/5/06	Recebimentos	R\$ 82.413,22		R\$ 110.480,54	99,7026	826,5906
10/5/06	Pagamentos		R\$ 68.421,99	R\$ 42.058,55	99,7026	(686,2610)
10/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.058,55	99,7026	
11/5/06	Recebimentos	R\$ 46.742,09		R\$ 88.800,64	99,7148	468,7576
11/5/06	Pagamentos		R\$ 46.393,19	R\$ 42.407,45	99,7148	(465,2586)
11/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.407,45	99,7148	
12/5/06	Recebimentos	R\$ 11.236,03		R\$ 53.643,48	99,7271	112,6678
12/5/06	Pagamentos		R\$ 152,29	R\$ 53.491,19	99,7271	(1,5271)
12/5/06	Saldo final do dia			R\$ 53.491,19	99,7271	
13/5/06	Saldo final do dia			R\$ 53.491,19	99,7394	
14/5/06	Recebimentos	R\$ 8.695,21		R\$ 62.186,40	99,7516	87,1686
14/5/06	Pagamentos		R\$ 57.273,32	R\$ 4.913,08	99,7516	(574,1593)
14/5/06	Saldo final do dia			R\$ 4.913,08	99,7516	
15/5/06	Recebimentos	R\$ 36.331,97		R\$ 41.245,05	99,7639	364,1796
15/5/06	Pagamentos		R\$ 36.500,07	R\$ 4.744,98	99,7639	(365,8646)

15/5/06	Saldo final do dia			R\$ 4.744,98	99,7639	
16/5/06	Recebimentos	R\$ 64.000,00		R\$ 68.744,98	99,7761	641,4360
16/5/06	Pagamentos		R\$ 61.461,02	R\$ 7.283,96	99,7761	(615,9892)
16/5/06	Saldo final do dia			R\$ 7.283,96	99,7761	
17/5/06	Recebimentos	R\$ 98.581,20		R\$ 105.865,16	99,7884	987,9025
17/5/06	Pagamentos		R\$ 92.346,12	R\$ 13.519,04	99,7884	(925,4195)
17/5/06	Saldo final do dia			R\$ 13.519,04	99,7884	
18/5/06	Recebimentos	R\$ 32.244,06		R\$ 45.763,10	99,8006	323,0847
18/5/06	Pagamentos		R\$ 26.291,97	R\$ 19.471,13	99,8006	(263,4449)
18/5/06	Saldo final do dia			R\$ 19.471,13	99,8006	
19/5/06	Recebimentos	R\$ 38.452,17		R\$ 57.923,30	99,8129	385,2425
19/5/06	Pagamentos		R\$ 133,73	R\$ 57.789,57	99,8129	(1,3398)
19/5/06	Saldo final do dia			R\$ 57.789,57	99,8129	
20/5/06	Saldo final do dia			R\$ 57.789,57	99,8252	
21/5/06	Recebimentos	R\$ 68.941,95		R\$ 126.731,52	99,8374	690,5422
21/5/06	Pagamentos		R\$ 46.902,54	R\$ 79.828,98	99,8374	(469,7892)
21/5/06	Saldo final do dia			R\$ 79.828,98	99,8374	
22/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 79.828,98	99,8497	0,0000
22/5/06	Pagamentos		R\$ 36.712,96	R\$ 43.116,02	99,8497	(367,6823)
22/5/06	Saldo final do dia			R\$ 43.116,02	99,8497	
23/5/06	Recebimentos	R\$ 22.449,96		R\$ 65.565,98	99,8619	224,8100
23/5/06	Pagamentos		R\$ 23.178,33	R\$ 42.387,65	99,8619	(232,1038)
23/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.387,65	99,8619	
24/5/06	Recebimentos	R\$ 26.420,95		R\$ 68.808,60	99,8742	264,5423
24/5/06	Pagamentos		R\$ 36.801,90	R\$ 32.006,70	99,8742	(368,4826)
24/5/06	Saldo final do dia			R\$ 32.006,70	99,8742	
25/5/06	Recebimentos	R\$ 28.769,64		R\$ 60.776,34	99,8865	288,0234
25/5/06	Pagamentos		R\$ 26.837,89	R\$ 33.938,45	99,8865	(268,6840)
25/5/06	Saldo final do dia			R\$ 33.938,45	99,8865	
26/5/06	Recebimentos	R\$ 2.487,22		R\$ 36.425,67	99,8987	24,8974
26/5/06	Pagamentos		R\$ 0,00	R\$ 36.425,67	99,8987	0,0000
26/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.425,67	99,8987	
27/5/06	Recebimentos	R\$ 3.158,99		R\$ 39.584,66	99,9110	31,6181
27/5/06	Pagamentos		R\$ 162,70	R\$ 39.421,96	99,9110	(1,6284)
27/5/06	Saldo final do dia			R\$ 39.421,96	99,9110	
28/5/06	Recebimentos	R\$ 3.715,60		R\$ 43.137,56	99,9232	37,1845
28/5/06	Pagamentos		R\$ 7.108,79	R\$ 36.028,77	99,9232	(71,1425)
28/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	99,9232	
29/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	99,9355	
30/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	99,9477	
31/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	99,9600	
				Saldo que deveria Existir		361,6836
				Saldo Existente		360,4319
				Perda de Caixa em UMC (Maio)		(1,2517)
				Perda de Caixa em R\$ (Maio)		(R\$ 125,12)

APÊNDICE F - Movimentação de caixa: mês de maio de 2006 pelo índice Selic

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC Selic	Movimento UMC Selic
30/4/06	Saldo final do dia			R\$ 14.059,90	101,0800	139,0967
1/5/06	Recebimentos	R\$ 29.928,87		R\$ 43.988,77	101,1213	295,9700
1/5/06	Pagamentos		R\$ 38.610,88	R\$ 5.377,89	101,1213	(381,8274)
1/5/06	Saldo final do dia			R\$ 5.377,89	101,1213	
2/5/06	Recebimentos	R\$ 51.093,59		R\$ 56.471,48	101,1626	505,0641
2/5/06	Pagamentos		R\$ 31.390,39	R\$ 25.081,09	101,1626	(310,2965)
2/5/06	Saldo final do dia			R\$ 25.081,09	101,1626	
3/5/06	Recebimentos	R\$ 58.467,06		R\$ 83.548,15	101,2039	577,7156
3/5/06	Pagamentos		R\$ 68.345,90	R\$ 15.202,25	101,2039	(675,3289)
3/5/06	Saldo final do dia			R\$ 15.202,25	101,2039	
4/5/06	Recebimentos	R\$ 49.033,86		R\$ 64.236,11	101,2452	484,3082
4/5/06	Pagamentos		R\$ 23.197,36	R\$ 41.038,75	101,2452	(229,1207)
4/5/06	Saldo final do dia			R\$ 41.038,75	101,2452	
5/5/06	Recebimentos	R\$ 1.852,13		R\$ 42.890,88	101,2865	18,2861
5/5/06	Pagamentos		R\$ 14.786,98	R\$ 28.103,90	101,2865	(145,9917)
5/5/06	Saldo final do dia			R\$ 28.103,90	101,2865	
6/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 28.103,90	101,3277	0,0000
6/5/06	Pagamentos		R\$ 120,06	R\$ 27.983,84	101,3277	(1,1849)
6/5/06	Saldo final do dia			R\$ 27.983,84	101,3277	
7/5/06	Recebimentos	R\$ 1.922,47		R\$ 29.906,31	101,3690	18,9651
7/5/06	Pagamentos		R\$ 5,00	R\$ 29.901,31	101,3690	(0,0493)
7/5/06	Saldo final do dia			R\$ 29.901,31	101,3690	
8/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 29.901,31	101,4103	0,0000
8/5/06	Pagamentos		R\$ 26,90	R\$ 29.874,41	101,4103	(0,2653)
8/5/06	Saldo final do dia			R\$ 29.874,41	101,4103	
9/5/06	Recebimentos	R\$ 4.140,30		R\$ 34.014,71	101,4516	40,8106
9/5/06	Pagamentos		R\$ 5.947,39	R\$ 28.067,32	101,4516	(58,6229)
9/5/06	Saldo final do dia			R\$ 28.067,32	101,4516	
10/5/06	Recebimentos	R\$ 82.413,22		R\$ 110.480,54	101,4929	812,0097
10/5/06	Pagamentos		R\$ 68.421,99	R\$ 42.058,55	101,4929	(674,1554)
10/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.058,55	101,4929	
11/5/06	Recebimentos	R\$ 46.742,09		R\$ 88.800,64	101,5342	460,3581
11/5/06	Pagamentos		R\$ 46.393,19	R\$ 42.407,45	101,5342	(456,9218)
11/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.407,45	101,5342	
12/5/06	Recebimentos	R\$ 11.236,03		R\$ 53.643,48	101,5755	110,6175
12/5/06	Pagamentos		R\$ 152,29	R\$ 53.491,19	101,5755	(1,4993)
12/5/06	Saldo final do dia			R\$ 53.491,19	101,5755	
13/5/06	Saldo final do dia			R\$ 53.491,19	101,6168	
14/5/06	Recebimentos	R\$ 8.695,21		R\$ 62.186,40	101,6581	85,5339
14/5/06	Pagamentos		R\$ 57.273,32	R\$ 4.913,08	101,6581	(563,3918)
14/5/06	Saldo final do dia			R\$ 4.913,08	101,6581	
15/5/06	Recebimentos	R\$ 36.331,97		R\$ 41.245,05	101,6994	357,2488

15/5/06	Pagamentos		R\$ 36.500,07	R\$ 4.744,98	101,6994	(358,9017)
15/5/06	Saldo final do dia			R\$ 4.744,98	101,6994	
16/5/06	Recebimentos	R\$ 64.000,00		R\$ 68.744,98	101,7406	629,0505
16/5/06	Pagamentos		R\$ 61.461,02	R\$ 7.283,96	101,7406	(604,0950)
16/5/06	Saldo final do dia			R\$ 7.283,96	101,7406	
17/5/06	Recebimentos	R\$ 98.581,20		R\$ 105.865,16	101,7819	968,5530
17/5/06	Pagamentos		R\$ 92.346,12	R\$ 13.519,04	101,7819	(907,2938)
17/5/06	Saldo final do dia			R\$ 13.519,04	101,7819	
18/5/06	Recebimentos	R\$ 32.244,06		R\$ 45.763,10	101,8232	316,6670
18/5/06	Pagamentos		R\$ 26.291,97	R\$ 19.471,13	101,8232	(258,2119)
18/5/06	Saldo final do dia			R\$ 19.471,13	101,8232	
19/5/06	Recebimentos	R\$ 38.452,17		R\$ 57.923,30	101,8645	377,4835
19/5/06	Pagamentos		R\$ 133,73	R\$ 57.789,57	101,8645	(1,3128)
19/5/06	Saldo final do dia			R\$ 57.789,57	101,8645	
20/5/06	Saldo final do dia			R\$ 57.789,57	101,9058	
21/5/06	Recebimentos	R\$ 68.941,95		R\$ 126.731,52	101,9471	676,2522
21/5/06	Pagamentos		R\$ 46.902,54	R\$ 79.828,98	101,9471	(460,0674)
21/5/06	Saldo final do dia			R\$ 79.828,98	101,9471	
22/5/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 79.828,98	101,9884	0,0000
22/5/06	Pagamentos		R\$ 36.712,96	R\$ 43.116,02	101,9884	(359,9720)
22/5/06	Saldo final do dia			R\$ 43.116,02	101,9884	
23/5/06	Recebimentos	R\$ 22.449,96		R\$ 65.565,98	102,0297	220,0336
23/5/06	Pagamentos		R\$ 23.178,33	R\$ 42.387,65	102,0297	(227,1724)
23/5/06	Saldo final do dia			R\$ 42.387,65	102,0297	
24/5/06	Recebimentos	R\$ 26.420,95		R\$ 68.808,60	102,0710	258,8488
24/5/06	Pagamentos		R\$ 36.801,90	R\$ 32.006,70	102,0710	(360,5521)
24/5/06	Saldo final do dia			R\$ 32.006,70	102,0710	
25/5/06	Recebimentos	R\$ 28.769,64		R\$ 60.776,34	102,1123	281,7452
25/5/06	Pagamentos		R\$ 26.837,89	R\$ 33.938,45	102,1123	(262,8273)
25/5/06	Saldo final do dia			R\$ 33.938,45	102,1123	
26/5/06	Recebimentos	R\$ 2.487,22		R\$ 36.425,67	102,1535	24,3479
26/5/06	Pagamentos		R\$ 0,00	R\$ 36.425,67	102,1535	0,0000
26/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.425,67	102,1535	
27/5/06	Recebimentos	R\$ 3.158,99		R\$ 39.584,66	102,1948	30,9114
27/5/06	Pagamentos		R\$ 162,70	R\$ 39.421,96	102,1948	(1,5921)
27/5/06	Saldo final do dia			R\$ 39.421,96	102,1948	
28/5/06	Recebimentos	R\$ 3.715,60		R\$ 43.137,56	102,2361	36,3433
28/5/06	Pagamentos		R\$ 7.108,79	R\$ 36.028,77	102,2361	(69,5331)
28/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	102,2361	
29/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	102,2774	
30/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	102,3187	
31/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	102,3600	
			Saldo que deveria Existir			356,0335
			Saldo Existente			351,9809
			Perda de Caixa em UMC (Maio)			(4,0525)
			Perda de Caixa em R\$ (Maio)			(R\$ 414,81)

APÊNDICE G - Movimentação de caixa: mês de junho de 2006 pelo índice IPC-M

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IPC-M	Movimento UMC IPC-M
31/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	100,2900	359,2458
1/6/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 36.028,77	100,2753	0,0000
1/6/06	Pagamentos		R\$ 33.768,46	R\$ 2.260,31	100,2753	(336,7574)
1/6/06	Saldo final do dia			R\$ 2.260,31	100,2753	
2/6/06	Recebimentos	R\$ 37.328,43		R\$ 39.588,74	100,2607	372,3138
2/6/06	Pagamentos		R\$ 12.099,81	R\$ 27.488,93	100,2607	(120,6835)
2/6/06	Saldo final do dia			R\$ 27.488,93	100,2607	
3/6/06	Recebimentos	R\$ 39.297,01		R\$ 66.785,94	100,2460	392,0058
3/6/06	Pagamentos		R\$ 44.857,65	R\$ 21.928,29	100,2460	(447,4757)
3/6/06	Saldo final do dia			R\$ 21.928,29	100,2460	
4/6/06	Recebimentos	R\$ 24.689,78		R\$ 46.618,07	100,2313	246,3280
4/6/06	Pagamentos		R\$ 28.209,55	R\$ 18.408,52	100,2313	(281,4444)
4/6/06	Saldo final do dia			R\$ 18.408,52	100,2313	
5/6/06	Recebimentos	R\$ 48.000,00		R\$ 66.408,52	100,2167	478,9623
5/6/06	Pagamentos		R\$ 28.042,14	R\$ 38.366,38	100,2167	(279,8151)
5/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.366,38	100,2167	
6/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.366,38	100,2020	
7/6/06	Recebimentos	R\$ 18.708,35		R\$ 57.074,73	100,1873	186,7337
7/6/06	Pagamentos		R\$ 14.041,00	R\$ 43.033,73	100,1873	(140,1475)
7/6/06	Saldo final do dia			R\$ 43.033,73	100,1873	
8/6/06	Recebimentos	R\$ 748,20		R\$ 43.781,93	100,1727	7,4691
8/6/06	Pagamentos		R\$ 5.085,47	R\$ 38.696,46	100,1727	(50,7670)
8/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.696,46	100,1727	
9/6/06	Recebimentos	R\$ 30.271,32		R\$ 68.967,78	100,1580	302,2357
9/6/06	Pagamentos		R\$ 23.981,35	R\$ 44.986,43	100,1580	(239,4352)
9/6/06	Saldo final do dia			R\$ 44.986,43	100,1580	
10/6/06	Recebimentos	R\$ 26.737,32		R\$ 71.723,75	100,1433	266,9905
10/6/06	Pagamentos		R\$ 34.465,45	R\$ 37.258,30	100,1433	(344,1612)
10/6/06	Saldo final do dia			R\$ 37.258,30	100,1433	
11/6/06	Recebimentos	R\$ 8.200,22		R\$ 45.458,52	100,1287	81,8968
11/6/06	Pagamentos		R\$ 7.365,69	R\$ 38.092,83	100,1287	(73,5623)
11/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.092,83	100,1287	
12/6/06	Recebimentos	R\$ 43.154,77		R\$ 81.247,60	100,1140	431,0563
12/6/06	Pagamentos		R\$ 61.890,00	R\$ 19.357,60	100,1140	(618,1953)
12/6/06	Saldo final do dia			R\$ 19.357,60	100,1140	
13/6/06	Recebimentos	R\$ 3.512,12		R\$ 22.869,72	100,0993	35,0863
13/6/06	Pagamentos		R\$ 7,00	R\$ 22.862,72	100,0993	(0,0699)
13/6/06	Saldo final do dia			R\$ 22.862,72	100,0993	
14/6/06	Recebimentos	R\$ 65.156,28		R\$ 88.019,00	100,0847	651,0116
14/6/06	Pagamentos		R\$ 61.623,15	R\$ 26.395,85	100,0847	(615,7102)
14/6/06	Saldo final do dia			R\$ 26.395,85	100,0847	
15/6/06	Recebimentos	R\$ 31.027,31		R\$ 57.423,16	100,0700	310,0561
15/6/06	Pagamentos		R\$ 27.998,20	R\$ 29.424,96	100,0700	(279,7862)
15/6/06	Saldo final do dia			R\$ 29.424,96	100,0700	
16/6/06	Recebimentos	R\$ 84.292,76		R\$ 113.717,72	100,0553	842,4614
16/6/06	Pagamentos		R\$ 83.545,96	R\$ 30.171,76	100,0553	(834,9976)

16/6/06	Saldo final do dia			R\$ 30.171,76	100,0553	
17/6/06	Recebimentos	R\$ 85.439,33		R\$ 115.611,09	100,0407	854,0460
17/6/06	Pagamentos		R\$ 80.390,80	R\$ 35.220,29	100,0407	(803,5812)
17/6/06	Saldo final do dia			R\$ 35.220,29	100,0407	
18/6/06	Recebimentos	R\$ 14.244,89		R\$ 49.465,18	100,0260	142,4119
18/6/06	Pagamentos		R\$ 36.494,93	R\$ 12.970,25	100,0260	(364,8544)
18/6/06	Saldo final do dia			R\$ 12.970,25	100,0260	
19/6/06	Recebimentos	R\$ 1.482,00		R\$ 14.452,25	100,0113	14,8183
19/6/06	Pagamentos		R\$ 6.680,55	R\$ 7.771,70	100,0113	(66,7979)
19/6/06	Saldo final do dia			R\$ 7.771,70	100,0113	
20/6/06	Recebimentos	R\$ 13.225,66		R\$ 20.997,36	99,9967	132,2610
20/6/06	Pagamentos		R\$ 15.756,37	R\$ 5.240,99	99,9967	(157,5690)
20/6/06	Saldo final do dia			R\$ 5.240,99	99,9967	
21/6/06	Recebimentos	R\$ 18.966,92		R\$ 24.207,91	99,9820	189,7033
21/6/06	Pagamentos		R\$ 19.613,61	R\$ 4.594,30	99,9820	(196,1714)
21/6/06	Saldo final do dia			R\$ 4.594,30	99,9820	
22/6/06	Recebimentos	R\$ 32.124,81		R\$ 36.719,11	99,9673	321,3531
22/6/06	Pagamentos		R\$ 30.120,45	R\$ 6.598,66	99,9673	(301,3029)
22/6/06	Saldo final do dia			R\$ 6.598,66	99,9673	
23/6/06	Recebimentos	R\$ 14.857,32		R\$ 21.455,98	99,9527	148,6436
23/6/06	Pagamentos		R\$ 13.024,53	R\$ 8.431,45	99,9527	(130,3070)
23/6/06	Saldo final do dia			R\$ 8.431,45	99,9527	
24/6/06	Recebimentos	R\$ 24.678,45		R\$ 33.109,90	99,9380	246,9376
24/6/06	Pagamentos		R\$ 20.806,86	R\$ 12.303,04	99,9380	(208,1977)
24/6/06	Saldo final do dia			R\$ 12.303,04	99,9380	
25/6/06	Recebimentos	R\$ 23.985,66		R\$ 36.288,70	99,9233	240,0406
25/6/06	Pagamentos		R\$ 24.536,79	R\$ 11.751,91	99,9233	(245,5562)
25/6/06	Saldo final do dia			R\$ 11.751,91	99,9233	
26/6/06	Recebimentos	R\$ 12.588,00		R\$ 24.339,91	99,9087	125,9951
26/6/06	Pagamentos		R\$ 11,10	R\$ 24.328,81	99,9087	(0,1111)
26/6/06	Saldo final do dia			R\$ 24.328,81	99,9087	
27/6/06	Recebimentos	R\$ 2.536,33		R\$ 26.865,14	99,8940	25,3902
27/6/06	Pagamentos		R\$ 5.200,00	R\$ 21.665,14	99,8940	(52,0552)
27/6/06	Saldo final do dia			R\$ 21.665,14	99,8940	
28/6/06	Recebimentos	R\$ 34.937,09		R\$ 56.602,23	99,8793	349,7930
28/6/06	Pagamentos		R\$ 27.768,21	R\$ 28.834,02	99,8793	(278,0176)
28/6/06	Saldo final do dia			R\$ 28.834,02	99,8793	
29/6/06	Recebimentos	R\$ 2.000,00		R\$ 30.834,02	99,8647	20,0271
29/6/06	Pagamentos		R\$ 266,55	R\$ 30.567,47	99,8647	(2,6691)
29/6/06	Saldo final do dia			R\$ 30.567,47	99,8647	
30/6/06	Recebimentos	R\$ 33.182,88		R\$ 63.750,35	99,8500	332,3273
30/6/06	Pagamentos		R\$ 48.823,14	R\$ 14.927,21	99,8500	(488,9649)
30/6/06	Saldo final do dia			R\$ 14.927,21	99,8500	
				Saldo que deveria Existir		148,4374
				Saldo Existente		149,4963
				Ganho de Caixa em UMC (Junho)		1,0590
				Ganho de Caixa em R\$ (Junho)		R\$ 105,74

APÊNDICE H - Movimentação de caixa: mês de junho de 2006 pelo índice IGP-M

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC IGP-M	Movimento UMC IGP-M
31/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	99,9600	360,4318
1/6/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 36.028,77	99,9850	0,0000
1/6/06	Pagamentos		R\$ 33.768,46	R\$ 2.260,31	99,9850	(337,7353)
1/6/06	Saldo final do dia			R\$ 2.260,31	99,9850	
2/6/06	Recebimentos	R\$ 37.328,43		R\$ 39.588,74	100,0100	373,2470
2/6/06	Pagamentos		R\$ 12.099,81	R\$ 27.488,93	100,0100	(120,9860)
2/6/06	Saldo final do dia			R\$ 27.488,93	100,0100	
3/6/06	Recebimentos	R\$ 39.297,01		R\$ 66.785,94	100,0350	392,8326
3/6/06	Pagamentos		R\$ 44.857,65	R\$ 21.928,29	100,0350	(448,4196)
3/6/06	Saldo final do dia			R\$ 21.928,29	100,0350	
4/6/06	Recebimentos	R\$ 24.689,78		R\$ 46.618,07	100,0600	246,7498
4/6/06	Pagamentos		R\$ 28.209,55	R\$ 18.408,52	100,0600	(281,9263)
4/6/06	Saldo final do dia			R\$ 18.408,52	100,0600	
5/6/06	Recebimentos	R\$ 48.000,00		R\$ 66.408,52	100,0850	479,5923
5/6/06	Pagamentos		R\$ 28.042,14	R\$ 38.366,38	100,0850	(280,1832)
5/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.366,38	100,0850	
6/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.366,38	100,1100	
7/6/06	Recebimentos	R\$ 18.708,35		R\$ 57.074,73	100,1350	186,8313
7/6/06	Pagamentos		R\$ 14.041,00	R\$ 43.033,73	100,1350	(140,2207)
7/6/06	Saldo final do dia			R\$ 43.033,73	100,1350	
8/6/06	Recebimentos	R\$ 748,20		R\$ 43.781,93	100,1600	7,4700
8/6/06	Pagamentos		R\$ 5.085,47	R\$ 38.696,46	100,1600	(50,7735)
8/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.696,46	100,1600	
9/6/06	Recebimentos	R\$ 30.271,32		R\$ 68.967,78	100,1850	302,1542
9/6/06	Pagamentos		R\$ 23.981,35	R\$ 44.986,43	100,1850	(239,3707)
9/6/06	Saldo final do dia			R\$ 44.986,43	100,1850	
10/6/06	Recebimentos	R\$ 26.737,32		R\$ 71.723,75	100,2100	266,8129
10/6/06	Pagamentos		R\$ 34.465,45	R\$ 37.258,30	100,2100	(343,9322)
10/6/06	Saldo final do dia			R\$ 37.258,30	100,2100	
11/6/06	Recebimentos	R\$ 8.200,22		R\$ 45.458,52	100,2350	81,8099
11/6/06	Pagamentos		R\$ 7.365,69	R\$ 38.092,83	100,2350	(73,4842)
11/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.092,83	100,2350	
12/6/06	Recebimentos	R\$ 43.154,77		R\$ 81.247,60	100,2600	430,4286
12/6/06	Pagamentos		R\$ 61.890,00	R\$ 19.357,60	100,2600	(617,2950)
12/6/06	Saldo final do dia			R\$ 19.357,60	100,2600	
13/6/06	Recebimentos	R\$ 3.512,12		R\$ 22.869,72	100,2850	35,0214
13/6/06	Pagamentos		R\$ 7,00	R\$ 22.862,72	100,2850	(0,0698)
13/6/06	Saldo final do dia			R\$ 22.862,72	100,2850	
14/6/06	Recebimentos	R\$ 65.156,28		R\$ 88.019,00	100,3100	649,5492
14/6/06	Pagamentos		R\$ 61.623,15	R\$ 26.395,85	100,3100	(614,3271)
14/6/06	Saldo final do dia			R\$ 26.395,85	100,3100	
15/6/06	Recebimentos	R\$ 31.027,31		R\$ 57.423,16	100,3350	309,2372
15/6/06	Pagamentos		R\$ 27.998,20	R\$ 29.424,96	100,3350	(279,0472)
15/6/06	Saldo final do dia			R\$ 29.424,96	100,3350	
16/6/06	Recebimentos	R\$ 84.292,76		R\$ 113.717,72	100,3600	839,9039
16/6/06	Pagamentos		R\$ 83.545,96	R\$ 30.171,76	100,3600	(832,4627)

16/6/06	Saldo final do dia			R\$ 30.171,76	100,3600	
17/6/06	Recebimentos	R\$ 85.439,33		R\$ 115.611,09	100,3850	851,1165
17/6/06	Pagamentos		R\$ 80.390,80	R\$ 35.220,29	100,3850	(800,8248)
17/6/06	Saldo final do dia			R\$ 35.220,29	100,3850	
18/6/06	Recebimentos	R\$ 14.244,89		R\$ 49.465,18	100,4100	141,8672
18/6/06	Pagamentos		R\$ 36.494,93	R\$ 12.970,25	100,4100	(363,4591)
18/6/06	Saldo final do dia			R\$ 12.970,25	100,4100	
19/6/06	Recebimentos	R\$ 1.482,00		R\$ 14.452,25	100,4350	14,7558
19/6/06	Pagamentos		R\$ 6.680,55	R\$ 7.771,70	100,4350	(66,5162)
19/6/06	Saldo final do dia			R\$ 7.771,70	100,4350	
20/6/06	Recebimentos	R\$ 13.225,66		R\$ 20.997,36	100,4600	131,6510
20/6/06	Pagamentos		R\$ 15.756,37	R\$ 5.240,99	100,4600	(156,8422)
20/6/06	Saldo final do dia			R\$ 5.240,99	100,4600	
21/6/06	Recebimentos	R\$ 18.966,92		R\$ 24.207,91	100,4850	188,7537
21/6/06	Pagamentos		R\$ 19.613,61	R\$ 4.594,30	100,4850	(195,1894)
21/6/06	Saldo final do dia			R\$ 4.594,30	100,4850	
22/6/06	Recebimentos	R\$ 32.124,81		R\$ 36.719,11	100,5100	319,6180
22/6/06	Pagamentos		R\$ 30.120,45	R\$ 6.598,66	100,5100	(299,6762)
22/6/06	Saldo final do dia			R\$ 6.598,66	100,5100	
23/6/06	Recebimentos	R\$ 14.857,32		R\$ 21.455,98	100,5350	147,7826
23/6/06	Pagamentos		R\$ 13.024,53	R\$ 8.431,45	100,5350	(129,5522)
23/6/06	Saldo final do dia			R\$ 8.431,45	100,5350	
24/6/06	Recebimentos	R\$ 24.678,45		R\$ 33.109,90	100,5600	245,4102
24/6/06	Pagamentos		R\$ 20.806,86	R\$ 12.303,04	100,5600	(206,9099)
24/6/06	Saldo final do dia			R\$ 12.303,04	100,5600	
25/6/06	Recebimentos	R\$ 23.985,66		R\$ 36.288,70	100,5850	238,4616
25/6/06	Pagamentos		R\$ 24.536,79	R\$ 11.751,91	100,5850	(243,9408)
25/6/06	Saldo final do dia			R\$ 11.751,91	100,5850	
26/6/06	Recebimentos	R\$ 12.588,00		R\$ 24.339,91	100,6100	125,1168
26/6/06	Pagamentos		R\$ 11,10	R\$ 24.328,81	100,6100	(0,1103)
26/6/06	Saldo final do dia			R\$ 24.328,81	100,6100	
27/6/06	Recebimentos	R\$ 2.536,33		R\$ 26.865,14	100,6350	25,2033
27/6/06	Pagamentos		R\$ 5.200,00	R\$ 21.665,14	100,6350	(51,6719)
27/6/06	Saldo final do dia			R\$ 21.665,14	100,6350	
28/6/06	Recebimentos	R\$ 34.937,09		R\$ 56.602,23	100,6600	347,0802
28/6/06	Pagamentos		R\$ 27.768,21	R\$ 28.834,02	100,6600	(275,8614)
28/6/06	Saldo final do dia			R\$ 28.834,02	100,6600	
29/6/06	Recebimentos	R\$ 2.000,00		R\$ 30.834,02	100,6850	19,8639
29/6/06	Pagamentos		R\$ 266,55	R\$ 30.567,47	100,6850	(2,6474)
29/6/06	Saldo final do dia			R\$ 30.567,47	100,6850	
30/6/06	Recebimentos	R\$ 33.182,88		R\$ 63.750,35	100,7100	329,4894
30/6/06	Pagamentos		R\$ 48.823,14	R\$ 14.927,21	100,7100	(484,7894)
30/6/06	Saldo final do dia			R\$ 14.927,21	100,7100	
				Saldo que deveria Existir		150,0177
				Saldo Existente		148,2197
				Perda de Caixa em UMC (Junho)		(1,7980)
				Perda de Caixa em R\$ (Junho)		(R\$ 181,08)

APÊNDICE I - Movimentação de caixa no mês de junho de 2006 pelo índice Selic

Data	Acontecimento	Débito	Crédito	Saldo Existente	UMC Selic	Movimento UMC Selic
31/5/06	Saldo final do dia			R\$ 36.028,77	102,3600	351,9809
1/6/06	Recebimentos	R\$ 0,00		R\$ 36.028,77	102,3993	0,0000
1/6/06	Pagamentos		R\$ 33.768,46	R\$ 2.260,31	102,3993	(329,7723)
1/6/06	Saldo final do dia			R\$ 2.260,31	102,3993	
2/6/06	Recebimentos	R\$ 37.328,43		R\$ 39.588,74	102,4387	364,3979
2/6/06	Pagamentos		R\$ 12.099,81	R\$ 27.488,93	102,4387	(118,1176)
2/6/06	Saldo final do dia			R\$ 27.488,93	102,4387	
3/6/06	Recebimentos	R\$ 39.297,01		R\$ 66.785,94	102,4780	383,4678
3/6/06	Pagamentos		R\$ 44.857,65	R\$ 21.928,29	102,4780	(437,7296)
3/6/06	Saldo final do dia			R\$ 21.928,29	102,4780	
4/6/06	Recebimentos	R\$ 24.689,78		R\$ 46.618,07	102,5173	240,8352
4/6/06	Pagamentos		R\$ 28.209,55	R\$ 18.408,52	102,5173	(275,1686)
4/6/06	Saldo final do dia			R\$ 18.408,52	102,5173	
5/6/06	Recebimentos	R\$ 48.000,00		R\$ 66.408,52	102,5567	468,0339
5/6/06	Pagamentos		R\$ 28.042,14	R\$ 38.366,38	102,5567	(273,4307)
5/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.366,38	102,5567	
6/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.366,38	102,5960	
7/6/06	Recebimentos	R\$ 18.708,35		R\$ 57.074,73	102,6353	182,2798
7/6/06	Pagamentos		R\$ 14.041,00	R\$ 43.033,73	102,6353	(136,8047)
7/6/06	Saldo final do dia			R\$ 43.033,73	102,6353	
8/6/06	Recebimentos	R\$ 748,20		R\$ 43.781,93	102,6747	7,2871
8/6/06	Pagamentos		R\$ 5.085,47	R\$ 38.696,46	102,6747	(49,5299)
8/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.696,46	102,6747	
9/6/06	Recebimentos	R\$ 30.271,32		R\$ 68.967,78	102,7140	294,7146
9/6/06	Pagamentos		R\$ 23.981,35	R\$ 44.986,43	102,7140	(233,4769)
9/6/06	Saldo final do dia			R\$ 44.986,43	102,7140	
10/6/06	Recebimentos	R\$ 26.737,32		R\$ 71.723,75	102,7533	260,2088
10/6/06	Pagamentos		R\$ 34.465,45	R\$ 37.258,30	102,7533	(335,4193)
10/6/06	Saldo final do dia			R\$ 37.258,30	102,7533	
11/6/06	Recebimentos	R\$ 8.200,22		R\$ 45.458,52	102,7927	79,7744
11/6/06	Pagamentos		R\$ 7.365,69	R\$ 38.092,83	102,7927	(71,6558)
11/6/06	Saldo final do dia			R\$ 38.092,83	102,7927	
12/6/06	Recebimentos	R\$ 43.154,77		R\$ 81.247,60	102,8320	419,6628
12/6/06	Pagamentos		R\$ 61.890,00	R\$ 19.357,60	102,8320	(601,8555)
12/6/06	Saldo final do dia			R\$ 19.357,60	102,8320	
13/6/06	Recebimentos	R\$ 3.512,12		R\$ 22.869,72	102,8713	34,1409
13/6/06	Pagamentos		R\$ 7,00	R\$ 22.862,72	102,8713	(0,0680)
13/6/06	Saldo final do dia			R\$ 22.862,72	102,8713	
14/6/06	Recebimentos	R\$ 65.156,28		R\$ 88.019,00	102,9107	633,1344
14/6/06	Pagamentos		R\$ 61.623,15	R\$ 26.395,85	102,9107	(598,8024)
14/6/06	Saldo final do dia			R\$ 26.395,85	102,9107	
15/6/06	Recebimentos	R\$ 31.027,31		R\$ 57.423,16	102,9500	301,3823
15/6/06	Pagamentos		R\$ 27.998,20	R\$ 29.424,96	102,9500	(271,9592)
15/6/06	Saldo final do dia			R\$ 29.424,96	102,9500	
16/6/06	Recebimentos	R\$ 84.292,76		R\$ 113.717,72	102,9893	818,4611
16/6/06	Pagamentos		R\$ 83.545,96	R\$ 30.171,76	102,9893	(811,2098)
16/6/06	Saldo final do dia			R\$ 30.171,76	102,9893	
17/6/06	Recebimentos	R\$ 85.439,33		R\$ 115.611,09	103,0287	829,2773

17/6/06	Pagamentos		R\$ 80.390,80	R\$ 35.220,29	103,0287	(780,2760)
17/6/06	Saldo final do dia			R\$ 35.220,29	103,0287	
18/6/06	Recebimentos	R\$ 14.244,89		R\$ 49.465,18	103,0680	138,2087
18/6/06	Pagamentos		R\$ 36.494,93	R\$ 12.970,25	103,0680	(354,0859)
18/6/06	Saldo final do dia			R\$ 12.970,25	103,0680	
19/6/06	Recebimentos	R\$ 1.482,00		R\$ 14.452,25	103,1073	14,3734
19/6/06	Pagamentos		R\$ 6.680,55	R\$ 7.771,70	103,1073	(64,7922)
19/6/06	Saldo final do dia			R\$ 7.771,70	103,1073	
20/6/06	Recebimentos	R\$ 13.225,66		R\$ 20.997,36	103,1467	128,2219
20/6/06	Pagamentos		R\$ 15.756,37	R\$ 5.240,99	103,1467	(152,7569)
20/6/06	Saldo final do dia			R\$ 5.240,99	103,1467	
21/6/06	Recebimentos	R\$ 18.966,92		R\$ 24.207,91	103,1860	183,8129
21/6/06	Pagamentos		R\$ 19.613,61	R\$ 4.594,30	103,1860	(190,0801)
21/6/06	Saldo final do dia			R\$ 4.594,30	103,1860	
22/6/06	Recebimentos	R\$ 32.124,81		R\$ 36.719,11	103,2253	311,2105
22/6/06	Pagamentos		R\$ 30.120,45	R\$ 6.598,66	103,2253	(291,7932)
22/6/06	Saldo final do dia			R\$ 6.598,66	103,2253	
23/6/06	Recebimentos	R\$ 14.857,32		R\$ 21.455,98	103,2647	143,8761
23/6/06	Pagamentos		R\$ 13.024,53	R\$ 8.431,45	103,2647	(126,1277)
23/6/06	Saldo final do dia			R\$ 8.431,45	103,2647	
24/6/06	Recebimentos	R\$ 24.678,45		R\$ 33.109,90	103,3040	238,8915
24/6/06	Pagamentos		R\$ 20.806,86	R\$ 12.303,04	103,3040	(201,4139)
24/6/06	Saldo final do dia			R\$ 12.303,04	103,3040	
25/6/06	Recebimentos	R\$ 23.985,66		R\$ 36.288,70	103,3433	232,0968
25/6/06	Pagamentos		R\$ 24.536,79	R\$ 11.751,91	103,3433	(237,4298)
25/6/06	Saldo final do dia			R\$ 11.751,91	103,3433	
26/6/06	Recebimentos	R\$ 12.588,00		R\$ 24.339,91	103,3827	121,7612
26/6/06	Pagamentos		R\$ 11,10	R\$ 24.328,81	103,3827	(0,1074)
26/6/06	Saldo final do dia			R\$ 24.328,81	103,3827	
27/6/06	Recebimentos	R\$ 2.536,33		R\$ 26.865,14	103,4220	24,5241
27/6/06	Pagamentos		R\$ 5.200,00	R\$ 21.665,14	103,4220	(50,2794)
27/6/06	Saldo final do dia			R\$ 21.665,14	103,4220	
28/6/06	Recebimentos	R\$ 34.937,09		R\$ 56.602,23	103,4613	337,6826
28/6/06	Pagamentos		R\$ 27.768,21	R\$ 28.834,02	103,4613	(268,3922)
28/6/06	Saldo final do dia			R\$ 28.834,02	103,4613	
29/6/06	Recebimentos	R\$ 2.000,00		R\$ 30.834,02	103,5007	19,3235
29/6/06	Pagamentos		R\$ 266,55	R\$ 30.567,47	103,5007	(2,5753)
29/6/06	Saldo final do dia			R\$ 30.567,47	103,5007	
30/6/06	Recebimentos	R\$ 33.182,88		R\$ 63.750,35	103,5400	320,4837
30/6/06	Pagamentos		R\$ 48.823,14	R\$ 14.927,21	103,5400	(471,5389)
30/6/06	Saldo final do dia			R\$ 14.927,21	103,5400	
				Saldo que deveria Existir		146,8567
				Saldo Existente		144,1685
				Perda de Caixa em UMC (Junho)		(2,6882)
				Perda de Caixa em R\$ (Junho)		(R\$ 278,34)

**APÊNDICE J - Movimentação analítica ocorrida no caixa no segundo trimestre
de 2006**

OBS: Ver planilha Movimentação Analítica no arquivo Fluxo de Caixa.xls